

Crônicas passageiras

FOTOS: FLÁVIO DUTRA/JU



Ônibus As histórias, os problemas e a rotina dos porto-alegrenses que precisam utilizar diariamente o transporte coletivo para se deslocarem de suas residências até o local de trabalho

CadernoJU

URUGUAI

Frente Ampla obtém a terceira vitória consecutiva

P10

AGRICULTURA

Drones inteligentes

Utilizados para produzir fotos, vídeos ou simplesmente como hobby, os drones vêm ganhando aplicações também na agricultura de precisão. Pesquisadores do Laboratório de Sistemas de Controle, Automação e Robótica da Universidade (Lascar) estão desenvolvendo um veículo aéreo não tripulado capaz de fazer um sobrevoo em lavouras, processando imagens e buscando variações de cor, altura e textura no plantio. Os testes ocorrem na Estação Experimental Agrônômica. **P11**

NA MIRA

Detetive por profissão

Profissão pouco normatizada na legislação brasileira, a categoria dos detetives particulares está buscando a regulamentação da atividade. O Projeto de Lei n.º 1.211/2011, que tramita no Congresso, exige, entre outros pontos, que o exercício profissional só possa ser feito por quem tiver realizado um curso de formação com duração mínima de 600 horas. Henrique Vargas, com 30 anos de atuação na área, desmistifica a carreira e ressalta a necessidade de competências específicas. **P4**

TRABALHO NO LITORAL

A rota dos vendedores da areia



P5

Comportamento

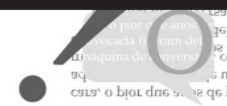
Para especialista, consumo exclui o amor das relações **P9**

Entrevista

Monarco defende a tradição do samba de raiz **P13**

AIDS

Por que Porto Alegre é a campeã de novos casos da doença? **P2**



Espaço da Reitoria

Carlos Alexandre Netto
Reitor

Renovando o futuro

A Universidade viveu intensamente a celebração de seus 80 anos. Eventos acadêmicos de grande relevância, atividades culturais memoráveis e homenagens tocantes passaram a fazer parte da rica história da UFRGS. E, coroando o especial momento, o Índice Geral de Cursos do MEC, divulgado em dezembro, confirmou a nossa instituição com o maior IGC entre as mais de 192 universidades avaliadas.

Assim, temos muito a comemorar e, principalmente, a agradecer à comunidade universitária pelo dedicado e competente trabalho de todos e de cada um, que faz construir a qualidade acadêmica no dia a dia.

A responsabilidade pela história já escrita e o compromisso social que dá substrato à missão universitária exigem, ao raiar de 2015, um olhar

decidido para o futuro.

Como as previsões econômicas indicam um ano de dificuldades, e a nova composição dos ministérios exige um tempo de adaptação, é necessário planejar e agir estrategicamente.

Felizmente, teremos pela frente a construção do novo Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI). É hora de consolidar o exitoso ciclo de expansão e inclusão, e de projetar os próximos desafios. Uma nova expansão deverá manter o foco acadêmico, mas com diferentes nuances. O avanço do conhecimento, a inovação e a internacionalização terão cada vez mais relevância na construção de parcerias estratégicas com as melhores universidades no contexto global.

A participação efetiva do Brasil

em blocos políticos e econômicos emergentes, como os BRICS e os países ibero-americanos, apresenta inúmeras oportunidades às universidades, pois a real integração entre os povos e a elaboração de plataformas comuns de conhecimento depende da integração entre as instituições de ensino e da mobilidade de acadêmicos.

Também a qualificação da infraestrutura, o aperfeiçoamento da governança, a melhoria da atenção aos estudantes e a inovação pedagógica, com eventual flexibilização curricular, serão metas do período que se inicia.

É tempo de renovação institucional da casa do saber, que pulsa a cada ano com novos ingressantes, projetos e desafios. Uma instituição capaz de transformar as pessoas e a sociedade e de fazer o futuro acontecer.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farroupilha, Porto Alegre - RS | CEP 91004-900
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

Reitor
Carlos Alexandre Netto
Vice-reitor
Rui Vicente Oppermann
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretário de Comunicação Social
Ricardo Schneiders da Silva

JORNAL DA UNIVERSIDADE
Publicação mensal da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497
Email: jornal@ufrgs.br

Conselho Editorial
Ánia Chala, Cassiano Kuchembecker Rosing, Cida Golin, Luiz Carlos Pinto, Michéle Oberson, Ricardo Schneiders da Silva, Rosa Maria Bueno Fischer, Temístocles Cozar

Editora Ánia Chala
Subeditora Jacira Cabral da Silveira

Repórteres Ánia Chala, Everton Cardoso, Jacira Cabral da Silveira e Samantha Klein

Projeto gráfico Juliano Bruni Pereira e Kleiton Semensatto da Costa (Caderno JU)

Diagramação Kleiton Semensatto da Costa

Fotografia Flávio Dutra (Editor), Gustavo Diehl e Ramon Moser

Revisão Antônio Paim Falcetta

Bolsistas (Jornalismo)

Gabriel Jesus E. Brum, Jéssica Menzel, João Pedro Teixeira, Laura Pacheco dos Santos e Manoella van Meegen

Circulação Juliana Gonçalves Mota e Vanessa Gastal Fernandes

Fotolitos e impressão Gráfica da UFRGS

Tiragem 10 mil exemplares

jornaldauniversidade

Mural

jornal@ufrgs.br

Restaurantes universitários

A partir da segunda semana de janeiro, os RUs terão funcionamento diferenciado no período das férias. Neste mês, abrirão as unidades do Câmpus Saúde, do Câmpus do Vale e da Agronomia, sendo que este último não oferecerá refeições em fevereiro. A exceção será o RU1, situado no Câmpus Centro, que só reabre em março. Assim como os demais setores da Universidade, os restaurantes funcionarão conforme o horário de verão. O cardápio segue sendo disponibilizado no site da UFRGS.

Horário de verão

No período de 8 de janeiro a 27 de fevereiro, o horário de funcionamento da Universidade terá início, nas segundas-feiras, às 12h, e término, nas sextas-feiras, às 14h. Nos demais dias da semana, a UFRGS irá funcionar normalmente.

Estacionamento

Até o dia 25 deste mês, servidores técnico-administrativos ativos, professores, funcionários de incubadoras e de fundações de apoio devem registrar seus carros única e exclusivamente pelo Portal do Servidor. A partir desse cadastramento, a Superintendência de Infraestrutura emitirá os selos para estacionamento no biênio 2015/2016. Informações complementares podem ser solicitadas junto às prefeituras de cada câmpus: no Centro (3308-3882), na Saúde (3308-5028) e no Vale (3308-6609).

Artigo

A AIDS na região metropolitana de Porto Alegre

Rio Grande do Sul apresenta as maiores taxas de AIDS no Brasil há quase duas décadas. Conforme dados do Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde (dezembro/2014), o estado registra 41 casos da doença por 100 mil habitantes, mais que o dobro do índice nacional, que é de 20 infectados por 100 mil. Há forte concentração da epidemia na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA). Entre as 20 cidades brasileiras com mais de 100 mil habitantes, e maior incidência de AIDS, sete estão na RMPA. Porto Alegre, que lidera o ranking das capitais em casos novos da síndrome há mais de uma década, contabiliza 96 soropositivos por 100 mil pessoas, mais que o dobro da média do RS. Em julho do ano passado, o Programa das Nações Unidas para o HIV-AIDS publicou relatório mundial apontando o nosso estado como um local crítico para a epidemia. Dados sugerem uma disseminação elevada na população em geral, por meio da transmissão heterossexual, mas igualmente alta entre as populações mais vulneráveis, como homossexuais, bissexuais, travestis e profissionais do sexo.

A AIDS tem características singulares no RS: na década de 1990, a elevada frequência de compartilhamento de seringas entre usuários de drogas injetáveis fez com que o estado tivesse mais de 30% do total de indivíduos infectados com o vírus a partir dessa prática. Do ponto de vista epidemiológico, a

transmissão mediante seringas contaminadas é mais eficiente do que a via sexual, se considerada a suscetibilidade dos indivíduos. Além disso, usuários de drogas injetáveis que consomem cocaína utilizam número de seringas substancialmente maior do que outras drogas, como a heroína, por exemplo.

Nos anos 2000, a AIDS passou a atingir outras populações. A partir dos usuários de drogas injetáveis, suas parcerias sexuais, homossexuais e heterossexuais, corresponderam às populações seguintes na progressão da epidemia. Observou-se a chamada heterossexualização da transmissão do HIV, que coincidiu com populações muito pobres atingidas, contribuindo para ampliar a vulnerabilidade dos indivíduos afetados. Em nosso meio, a redução do consumo de drogas injetáveis foi substituída pelo crack, em circunstâncias nas quais a AIDS já havia se disseminado entre a população heterossexual. Como resultado, temos um contexto epidêmico misto, que congrega o pior dos dois cenários: incidência elevada de casos de AIDS entre populações mais vulneráveis, como usuários de drogas injetáveis, homossexuais, bissexuais, travestis e profissionais do sexo, como também entre a população em geral, como gestantes, adolescentes e adultos jovens.

Paradoxalmente, frente a essa epidemia complexa há notória escassez de dados sobre o quadro epidêmico da AIDS no estado do

Rio Grande do Sul e, principalmente, na RMPA. Existem poucos inquéritos populacionais sobre comportamentos, atitudes e práticas de prevenção da exposição ao vírus produzidos nos últimos anos, principalmente nas regiões mais afetadas do estado. Conhecer a epidemia em nível local é condição *sine qua non* para elaborar estratégias específicas. O desenvolvimento de políticas de prevenção para o HIV é complexo, visto que as epidemias frequentemente apresentam diferenças regionais importantes dentro de cada país.

A RMPA, a área de maior adensamento populacional do estado, não tem recebido suficiente priorização no enfrentamento da AIDS. Há programas na maioria dos municípios mais atingidos, mas a soma das atividades de cada cidade não é suficiente para responder à epidemia na região. Aspectos econômicos, sociais e de mobilidade urbana necessitam ser considerados no enfrentamento da doença. Diariamente, populações se deslocam para trabalhar em cidades maiores, retornando para descansar à noite. Nos finais de semana, viajam a cidades vizinhas para festas e encontros potencializados pelas redes sociais. Tais comportamentos, embora inerentemente humanos, têm sido pouco considerados nas estratégias de prevenção e tratamento. Menor ainda é a articulação entre os municípios para responder coordenadamente a demandas de tratamento para as pessoas que vivem com HIV-AIDS.

A falta de informações precisas sobre o real quadro da epidemia e os fatores relacionados à infecção no contexto local se apresentam como obstáculos substanciais para o planejamento dos serviços de atenção à saúde existentes, o monitoramento dos indivíduos infectados e a elaboração de ações efetivas para a prevenção da infecção e tratamento oportuno da doença. Urge que a sociedade, os profissionais de saúde, os gestores das cidades da RMPA e a Universidade coordenem esforços para deter seu avanço. Na região, a epidemia não tem um código postal único, são várias áreas situadas nas cidades e entre as mesmas, onde o limite territorial das jurisdições dos municípios é mera abstração frente à epidemia. Da mesma forma, iniciativas para a redução do estigma, a ampliação do diagnóstico e do acesso ao tratamento da doença merecem necessariamente ações intra e intermunicipais, em nome de todos os gaúchos.

Ricardo Kuchenbecker
Professor da Faculdade de Medicina da UFRGS e pesquisador do IATS/CNPq

Gerson Winckler
Coordenador da Área Técnica de DST/AIDS e Hepatites Virais da SMS de Porto Alegre

Lucas Pitrez Mocellin e Caroline Beck
Biomédicos



RAMON MOSER/JU



Conhecendo a UFRGS

Pesquisar cerveja na Universidade?

Soa incomum a existência de um laboratório de cerveja numa universidade. A ideia também brotou em solo improvável, num churrasco entre estudantes do Departamento de Engenharia Mecânica da UFRGS. O mais significativo é que, desde 2012, o LabBeer, vinculado ao Laboratório de Ensaios Térmicos e Aerodinâmicos (LETA), virou realidade, tornando-se um importante elo entre a instituição e a comunidade.

O crescimento do mercado cervejeiro foi um dos motivos que despertou o interesse pela iniciativa. “Só o Brasil produz 13 bilhões de litros de cerveja por ano”, diz Bárbara Dragueti, bolsista do Laboratório. Considerando esse contexto, o LabBeer se dedica a estudar o papel da energia na produção artesanal da bebida, além de buscar formas de aliar sustentabilidade e qualidade em seus produtos.

Também é uma oportunidade para os alunos vivenciarem cada etapa da produção. “Utilizando os conhecimentos de engenharia aplicados aos processos, acaba se formando toda uma base de estudo”, explica Paulo Buffon, também bolsista do setor. “Eu vejo um pouquinho de cada disciplina em todas as etapas da produção, e isso contribui bastante para a minha graduação”, acrescenta Bárbara.

Para aproximar-se da sociedade, o LabBeer oferece oficinas para ensinar os primeiros passos na fabricação da cerveja artesanal. São ações de extensão abertas ao público e que servem como iniciação para aqueles que nunca viram o processo, mas se interessam em aprender. “A partir dos cursos, muitos conhecimentos são repassados. Os resultados e pesquisas são divulgados para o público, nada é guardado só para a Universidade”, valoriza Buffon.

Na visão do professor Paulo Smith Schneider, coordenador do Laboratório, projetos como este “representam uma alternativa para integrar, em um ambiente tradicional e clássico como a engenharia, diversas formas de conhecimento e sair um pouco daquilo que é usual”, conclui.

Luísa Rizzatti, estudante do 3.º semestre de Jornalismo da Fabico

Assista ao programa

Conhecendo a UFRGS vai ao ar no dia 16 de fevereiro, às 20h, com reprise às 23h, na UNITV, canal 15 da NET POA

É tri

UFRGS conquista a nota mais alta entre as universidades avaliadas pelo MEC

Pelo terceiro ano seguido, a UFRGS foi a universidade mais bem avaliada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC). Em 2014, havia recebido nota de IGC-Contínuo 4,296, o maior entre todas as universidades do país. Esse resultado corresponde ao conceito 5, valor máximo na avaliação de indicadores de qualidade da Educação Superior do Inep/MEC, divulgada em 19 de dezembro pelo ministro da Educação, Henrique Paim, e pelo presidente do Inep, Chico Soares. A classificação abrange um conjunto de 192 universidades e institutos federais. O processo avalia, ao todo, 2.020 instituições de ensino superior brasileiras.

O IGC leva em consideração o Conceito Preliminar de Curso (CPC) que afere as graduações

e os conceitos médios de mestrado e doutorado, segundo as análises da Capes. Nos dois anos anteriores, a UFRGS havia obtido o IGC de 4,28. Na formulação da nota final, a Universidade também recebeu o maior Conceito Médio para Mestrado do País, de 4,7982, em uma escala que vai até cinco.

Graduações bem avaliadas – As graduações da UFRGS receberam destaque na avaliação. Os cursos de Biomedicina e Fisioterapia obtiveram o conceito máximo, 5, sendo cada um deles o segundo melhor curso do Brasil em suas áreas, de acordo com o CPC. Os cursos de Farmácia, Enfermagem, Fonoaudiologia (4º melhor do Brasil), Nutrição, Medicina Veterinária, Odontologia e Agronomia receberam o conceito 4.

Apenas Medicina recebeu o conceito insuficiente no CPC, com nota 2. Conforme a direção da Faculdade de Medicina, o resultado deveu-se ao boicote dos alunos à prova do Enade, que representa 55% do total da nota. A Faculdade informa que solicitou uma reavaliação junto ao Ministério da Educação e se compromete a cumprir as metas para uma nova avaliação, esclarecendo que não há qualquer alteração nas vagas ofertadas para o Vestibular 2015.

Para o reitor Carlos Alexandre Netto, os índices divulgados demonstram a seriedade do trabalho realizado na instituição. “Não poderíamos receber melhor notícia no ano em que celebramos 80 anos de existência. Esta conquista é fruto de um esforço conjunto de toda a comunidade universitária. Parabéns àqueles que construíram esse resultado.”

Reconhecimento

Aluna da Sociologia vence prêmio internacional

Para além da colonialidade: os desafios e as possibilidades da transição democrática no Haiti. Com essa proposta de trabalho, a aluna do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFRGS, Germana Dalberto, teve seu projeto escolhido pelo comitê do *1º Premio Jean-Claude Bajoux Haiti: derechos humanos y perspectivas democráticas*, conferido pelo Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO). O comitê responsável pela seleção dos trabalhos também contemplou a proposta de Woody Edson Louidor, haitiano, pesquisador da Universidad Santo Tomas, da Colômbia.

Através de seu estudo, Germana busca compreender as relações de colonialidade que têm operado o processo de transição democrática no Haiti. Para isso, fará uma análise histórica sobre o período ditatorial e as recentes estratégias de transição, fortalecimento e institucionalização da cultura da democracia e dos direitos humanos nas instituições de justiça e segurança haitianas. A investigação estará centrada no sistema de justiça criminal, com enfoque no processo de formação da Polícia Nacional Haitiana. Ela explica que este é um dos passos fundamentais à democratização do país e um dos principais motivos apresentados para a permanência da Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti, em atuação há mais de uma década.

A pesquisadora conta que o Haiti despertou seu interesse muito antes de tornar-se seu objeto de pesquisa. “A peculiar história do país, que foi o primeiro da América Latina a obter sua independência, a literatura haitiana, a cultura de resistência, tudo isso me encanta”, diz Germana, que começou a dirigir sua atenção para a nação caribenha a partir de uma experiência de estágio na ONU, em Nova Iorque. Para dar andamento às suas pesquisas, a jovem enfrentou dificuldades nas tentativas de viajar ao país. Ainda assim, conseguiu ir ao Haiti em três oportunidades, com o Ministério da Defesa do Brasil, com a ONU e pela CLACSO.

Ceclimar

Atividades para o verão

De 9 de janeiro a 27 de fevereiro, o Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos da Universidade (Ceclimar), em Imbé, irá desenvolver sua programação de verão, promovendo atividades abertas à comunidade. Entre os destaques, o *Happy hour ambiental-cultural*, encontro semanal que será realizado nas sextas-feiras, das 19h às 20h, no quiosque Secret, situado na beira da praia, próximo à Avenida Caxias do Sul. Entre os temas abordados: lixo, dunas, lagoas e agroecologia. A visitação ao Museu de Ciências Naturais deverá ser retomada em fevereiro, com ingressos a R\$ 5 e isenção para crianças até seis anos e adultos acima dos 60. Saiba mais acessando o site www.ufrgs.br/ceclimar.

Inscrições

Fomento à extensão 2015

A Pró-reitoria de Extensão recebe, a partir de 12 de janeiro, solicitações para o Programa de Fomento à Extensão. O Programa viabiliza recursos e apoio para a promoção de ações com duração mínima de quatro meses. Extensionistas podem solicitar: bolsa evento para alunos de graduação que não possuem bolsa de extensão; auxílio financeiro para estudantes de graduação; transporte de ônibus e micro-ônibus, locado exclusivamente através da Frota da UFRGS; material gráfico a ser produzido pela Gráfica da Universidade; material de consumo disponível no Almoxarifado Geral; espaço físico do Salão de Atos e Sala II, com isenção ou redução das taxas de reserva; e pagamento de pessoa jurídica (mediante nota fiscal com CNPJ) para despesas exclusivas da ação de extensão, em conformidade com o registro da atividade no sistema. O pedido deve ser feito pelo coordenador da ação através do Portal do Servidor.



FLÁVIO DUTRA/JU



Henrique Vargas, Rike, tem experiência de 30 anos na área e diz que a profissão precisa de pessoas competentes

As lentes do Coyote

Comportamento A rotina e os mitos que envolvem o trabalho de detetive

Durante um ano ele vestiu o uniforme da empresa, cumpriu rigorosamente a carga horária imposta aos demais funcionários e desempenhou todas as atividades a que, aparentemente, estava exclusivamente voltado a realizar. Na prática, no entanto, seus afazeres abarcavam outras tarefas.

Contratado para observar a rotina de uma fábrica alemã cujos donos desconfiavam de irregularidades, teve de participar, por três meses, de um curso sobre interpretação de desenhos mecânicos, cál-

culo técnico e metodologia. Assim, foi capaz de diagnosticar, trajando o macacão da companhia, que a matéria-prima utilizada e a produção diária diferiam dos parâmetros oficiais da empresa. Discreto, o Coyote saiu do mesmo modo como ingressou: sem ser notado.

Limites legais – De acordo com o professor do Departamento de Direito Privado e Processo Civil da UFRGS, Fabiano Menke, não existe na legislação brasileira privilégio algum aos detetives particulares. “Vigora a regra geral de que toda prova ilícita deve ser declarada inválida pelo Poder Judiciário. São conhecidos diversos casos de escutas telefônicas obtidas sem autorização judicial que podem levar à nulidade de todo um processo. Sobre punições, há que se referir à Lei n.º 12.737/2012, mais conhecida como Carolina Dieckmann, que criminalizou a conduta de ‘invadir dispositivo informático alheio,

conectado ou não à rede mundial de computadores’, prevendo penas que chegam até dois anos para os casos que resultarem na obtenção de conteúdo de comunicações eletrônicas privadas, segredos comerciais ou industriais e informações sigilosas. Dessa forma, a invasão de computador pelo detetive ou por qualquer pessoa pode resultar em pena”, esclarece.

Rotina – Com cerca de 3.000 casos investigados ao longo de quase 30 anos de profissão, Henrique Vargas é conhecido pelos colegas como um profissional simples, de muita ação e pouca fala, que não aparenta o que realiza. O apelido, além das características citadas, alude ao fato de o animal coioete se adaptar com facilidade aos mais diversos ambientes. À frente da agência Detetives Rike desde 1991, onde trabalham cerca de 10 profissionais, escolheu a profissão porque viu na atividade um nicho próspero que

precisava de pessoas competentes. Já que anteriormente havia trabalhado como militar observador no serviço de inteligência do Exército, percebeu, ao fazer cursos de detetive, que já possuía experiência suficiente para exercer a profissão.

Sentado em uma cadeira estofada em seu diminuto escritório, enquanto o ventilador desalinha seus longos cabelos ao se mover da esquerda para a direita em um vaivém que busca aplacar o calor demasiado assolador de Porto Alegre, Rike revela que geralmente trabalha acompanhado. A exceção é quando o caso é de infiltração empresarial, exemplo do primeiro parágrafo do texto. A atividade em dupla se justifica pela necessidade de filmar e dirigir enquanto se está seguindo alguém, além de facilitar a discricção, pois a busca pelo registro de um flagrante ganha a roupagem de uma inocente conversa entre amigos. Mostrando o zoom e a capacidade de captar imagens noturnas de sua câmera, Rike encena como age. Cruzando os braços e direcionando a lente do equipamento para o local desejado, explica: “Ponho ela na mão, seguro assim, e estou controlando e conversando ao mesmo tempo”.

Coyote não usa peruca ou qualquer outro disfarce. Escolhe a sua vestimenta conforme o local em que atuará, podendo variar do terno e gravata em um dia para o calção e chinelos no outro. “Apareço quando é necessário. Na maioria das vezes, ninguém me enxerga.” Quando está seguindo alguém de carro, busca ficar fora do ângulo de visão do espelho retrovisor do alvo. O veículo que utiliza, aliás, normalmente é de porte pequeno, modelo antigo, com cores discretas, como o verde escuro. “Carro preto é ruim porque brilha”, revela.

Em cima da mesa de Rike, postado à direita de um celular que em 45 minutos recebeu quatro ligações, um cachimbo, elemento da indumentária de detetives clássicos como Sherlock Holmes, descansa em um canto. Acostumado a receber os clientes em seu escritório, o objeto cumpre um dos objetivos do Coyote: mexer com o imaginário das pessoas.

Público – Quem acessa o website de Rike ouve o tema do filme *007 contra o satânico Dr. No*. Ilustrado com a sombra de um homem que traja casaco e chapéu, ostentando um cachimbo na boca e uma lupa na mão, de acordo com o detetive, a estética do endereço eletrônico visa impactar o público. Sua clientela, composta predominantemente por integrantes das classes A e B, tem as mulheres como as maiores contratantes, embora no verão aumente o número de solicitações masculinas. Segundo Rike, devido às férias e aos recessos de fim de ano, momento em que muitas esposas viajam com os filhos enquanto os maridos permanecem trabalhando, muitos homens buscam ter conhecimento da rotina do cônjuge longe de casa.

Os casos extraconjugais encaibem os motivos de procura por Rike, com o percentual de 51%. Os empresariais abarcam 29%, enquanto situações de maus-tratos de idosos, menores, localização de desaparecidos e devedores de

pensão alimentícia preenchem o restante dos pedidos que, conforme o profissional, não faltam.

Geralmente, os clientes almejam saber a opinião do observador sobre o que deve ser feito após a investigação. A sensibilidade, nesse momento, é apontada por Rike como característica essencial aos profissionais, assim como a responsabilidade na hora da apuração: “Não pode fazer qualquer filmagem e apresentar como prova. Um almoço com uma colega de trabalho, por exemplo, não é flagrante. Flagrante é beijo, abraço, motel”.

Filmadoras, microcâmeras e GPS são os equipamentos utilizados por Coyote, que se classifica como um detetive de rua em uma época em que o monitoramento de eletrônicos é ofertado por alguns profissionais. Para Rike, tais ações minam a credibilidade da classe: “Não tenho esse expediente no escritório. Isso é muito delicado. Existem pessoas que fazem isso, mas elas não se expõem. Nós temos responsabilidades, ética. Tenho colegas que mexeram com isso e se incomodaram, foram presos”.

Profissionalização – Rike é o vice-presidente da Comissão Nacional que busca a regulamentação da profissão de detetive no Brasil. O Projeto de Lei n.º 1.211/2011 que tramita no Congresso prevê, entre outros pontos, que para o exercício da profissão deverá ser realizado um curso de formação com duração mínima de 600 horas. Segundo ele, a medida servirá como uma espécie de triagem, visto que vários cursos qualificam pessoas sem condições, resultando em profissionais muito despreparados. “A profissão não é um hobby. Tem de ter vocação, comprometimento. Se às 6h30min tem de estar no ponto de observação, tem que chegar antes, avaliar o local, escolher onde se posicionar melhor. O estresse na rua é muito grande. Dirigir, filmar, registrar, passar calor, fome e sede. É muito delicado”, desabafa.

Dentre as maiores dificuldades, Rike aponta o obstáculo de passar despercebido perante a polícia e os seguranças de rua, embora diga que não tem problema de relacionamento com ninguém. Muitas vezes, inclusive, utiliza a estratégia de pedir informações e travar um diálogo público com esses profissionais, pois, ao ver a conversa com as autoridades locais, a população descarta qualquer desconfiança.

Para o diretor da delegacia regional de Porto Alegre, Cleber Ferreira, é benéfico à polícia que haja a regulamentação dos detetives. O delegado considera que muitos profissionais são desqualificados e que um preparo maior deve facilitar o contato e o compartilhamento de informações, algo não visto por ele em 40 anos de profissão.

Em meio à descrição de mais um de seus casos, o celular de Rike toca pela quinta vez e ele tem de voltar à rua. Em média, 18 horas diárias de investigações o esperam e suas lentes precisam estar preparadas. Afinal, o Coyote sabe que as aparências enganam.

Gabriel Jesus E. Brum, estudante do 5.º semestre de Jornalismo da Fabico



Empreendedores da areia

Economia

Quem são e de onde vêm os ambulantes que atuam no litoral norte gaúcho

Cangas, biquínis, vestidos e chapéus colorem a garagem cinza da casa de Vanderley Gomes de Souza, o Vandinho. Marizete, sua esposa, dobra cuidadosamente as inúmeras cangas que serão vendidas neste verão em Tramandaí. É o início da alta temporada em que mineiros, goianos e paraibanos se deslocam de suas terras em busca de uma vida melhor no litoral gaúcho.

Vandinho trabalhava desde os 22 anos como motoboy em Araçuaí, região do Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais. Com sua moto, comprava e revendia pedras preciosas, como turmalina e cristal. Em 2005, passou por uma crise financeira e pensou em “caçar outros jeitos”. O outro jeito foi deixar a esposa e o filho Kaique, recém-nascido, e vir de carona para o Sul tentar vender as roupas que levava no porta-malas do carro.

A maioria dos amigos de Araçuaí estava vendendo pelas praias de Santa Catarina. Como a competição era grande, Vandinho migrou para Imbé, no litoral norte gaúcho, balneário em que alguns colegas poderiam recebê-lo. Trabalhou por três anos como ambulante pelas areias até se mudar para Tramandaí, onde vive até hoje.

O mineiro expandiu seu negócio e se tornou um atacadista. Mora em uma casa alugada, utilizando a garagem para guardar as mercadorias. Traz tecidos das principais capitais brasileiras para que costureiras de Tramandaí fabriquem as peças para vender. Algumas roupas são compradas prontas, como as cangas que vêm de Minas Gerais ou São Paulo, de acordo com a moda do verão. Vandinho também aluga outra residência na mesma cidade, onde ficam hospedados quatro rapazes, que na alta temporada vendem peças na beira da praia. Geralmente, são amigos, conhecidos da região do Vale do Jequitinhonha: “Se não for uma pessoa direita, não vai dar conta de vender, pagar as despesas e ainda pagar você, que forneceu a ele. Por isso, só trago parente, amigo ou pessoa que é certa, que trabalha mesmo, que rala”. Os carinhos de transporte das mercadorias são montados pelos próprios ambulantes. Eles pintam, passam óleo e demoram em torno de duas horas para encher o veículo com os produtos.

Perfil dos migrantes – Em Tramandaí, Vandinho costuma fornecer mercadorias para uma média de 25 vendedores. A maioria é do norte de Minas Gerais e alguns

goianos: “Quem mexe com roupa mesmo são mineiros e goianos. Os paraibanos costumam vender rede aqui no Sul”. Para o sociólogo Ivaldo Gehlen, autor do projeto de pesquisa *Perâmbulos praianos: Perfil e mundo dos trabalhadores de areia*, existem dois perfis de vendedores pelas praias do litoral gaúcho. Os chamados redeiros, particularmente da região de São Bento, na Paraíba, e os migrantes do norte de Minas Gerais, comerciantes de vestuário (cangas, vestidos, chapéus, calções, biquínis).

Outro grupo significativo que vende roupas vêm do estado de Goiás. Para o estudo, o sociólogo entrevistou em torno de 100 vendedores dessas regiões, entre os meses de janeiro e fevereiro de 2012, e visitou todas as prefeituras das praias do litoral norte. “No primeiro momento, a gente não percebe claramente a diferença do vendedor de rede e do vendedor de roupa. Porém, eles mesmos nos mostraram a diferença. Não há muito diálogo entre esses vendedores. Muitos acabam se discriminando mutuamente”, explica.

Conforme apurou Ivaldo, os redeiros chegam ao sul por meio do agenciamento de um “patrão”, permanecendo em alojamentos coletivos independentemente de parentesco e normalmente em grupos grandes. Os vendedores de roupas constituem grupos com afinidades na origem, seja por laços familiares, seja por mediação de agenciadores. Em geral, ficam alojados em casas alugadas pelos agenciadores ou por eles mesmos quando estão com familiares.

Os migrantes do norte de Minas vêm para o estado geralmente

em dezembro. “Eu sempre chego primeiro que os vendedores. O atacadista tem que chegar antes. Chego aqui em setembro, outubro”, explica Vandinho. Quando começa o inverno, é hora de voltar para a terra natal: “A gente vem, mas é obrigado a voltar pra lá, onde tenho minha casinha e não preciso pagar aluguel, dá pra me sustentar direitinho até a próxima temporada”. Ele acrescenta que a maioria dos migrantes vem para a alta temporada e volta a Minas Gerais no mês de junho para trabalhar no corte de cana-de-açúcar ou na colheita de café. A migração é geralmente motivada por uma busca de melhora na situação financeira: “Vou falar pra você, se eu trabalho no mototáxi, eu não junto 5 mil num ano. Às vezes eu vinha aqui e juntava 5 mil numa temporada. Vim aqui e gostei!”

Tradição regional – Ivaldo viajou duas vezes para a cidade de Araçuaí a fim de entender a migração dos mineiros para as praias do Sul e Sudeste do Brasil. Na interpretação do sociólogo, essa tradição existe há mais de duas décadas. Da região do Vale do Jequitinhonha saem muitos rapazes entre 20 e 40 anos, motivados pelas experiências anteriores de seus conterrâneos que juntaram dinheiro como trabalhadores ambulantes e compraram imóveis ou automóveis em sua cidade de origem. “O primeiro motivo da vinda é o financeiro, pois a maioria tem origem pobre. Além de ganhar dinheiro, eles também se deslocam com uma motivação de cidadania: conhecer outra cultura, outro Brasil.”

Estima-se que 50% dos mi-

grantes do norte de Minas são oriundos de zona rurais. Muitos já migravam dentro do próprio estado para trabalhar em atividades agrícolas. O processo migratório dos mineiros costuma ser sazonal: habitualmente, viajam para o Sul e Sudeste para vender na areia das praias no mês de dezembro e retornam em fevereiro ou março quando diminui o movimento. Os paraibanos possuem uma migração intermitente, com intervalos que não são contínuos. “O que mais me surpreendeu é que 90% dos entrevistados quer voltar pra sua cidade de origem. Independentemente do tipo de migração, a ideia é sempre voltar pra casa”, afirma o sociólogo.

Além de ganhar dinheiro, eles têm uma motivação de cidadania

Custo emocional – Marizete veio logo depois do marido. Mas os filhos, Kaique, de 10 anos, e Katrine, de 15, ficaram em Araçuaí com os pais de Vandinho. A saudade aparece quando a alta temporada termina. “No forte do verão, a gente nem sente muita falta, porque não dá tempo de sentir. Quando fica mais parado é que a gente sente”, conta emocionado. Apesar da falta da família, sua qualidade de vida melhorou sig-

nificativamente: “Cada ano só vai melhorando, porque eu não espero só aqui da praia. Se tem ano que eu não me dou muito bem aqui, volto pra lá e vou mexer com garimpo, eu me viro de outro jeito”. Vandinho não sabe se vai voltar para Araçuaí, mas pretende sair do aluguel e comprar um terreno em Tramandaí na esperança de dar um futuro melhor aos filhos.

Para vender produtos pelas praias brasileiras é necessário obter o alvará das prefeituras. Nos balneários do litoral norte do Rio Grande do Sul, os valores e a documentação necessária variam. Para o sociólogo, o valor do alvará em algumas praias é abusivo: “Os preços vão de 200 reais a dois mil. Torres cobra 1.500 por um alvará. É muito caro, e alguns desses documentos são válidos apenas por uma temporada. Além disso, as prefeituras não lhes dão nenhum retorno ou assistência social”.

Todos os vendedores que trabalham com Vandinho possuem alvará. Se a fiscalização encontra vendedores sem o documento, suas mercadorias são confiscadas, sendo devolvidas apenas com a regularização do trabalhador e o pagamento de uma multa.

Vandinho se sente bem acolhido pelos gaúchos. Diz que nunca o trataram de forma preconceituosa. Acha que o preconceito está ligado às condições de trabalho: “A maior discriminação é quando um ser humano trabalha pra alguém. Tem gente que, às vezes, não valoriza o serviço do outro. A maior discriminação é ser explorado”.

Jéssica Menzel, estudante do 6.º semestre de Jornalismo da Fabico



Vandinho instalou-se no litoral norte como ambulante e expandiu seu negócio, tornando-se um atacadista que abastece outros vendedores



As memórias de cada um

Ensino

Projeto do Colégio de Aplicação estimula alunos a escreverem autobiografias

Ânia Chala

O objeto que me remete à linha do tempo foi dado ainda criança por minha mãe. [...] Lembro como se fosse hoje, minha mãe passando pilhas de roupas – as camisas do meu pai tinham de ser engomadas por causa da profissão de motorista de ônibus – e ela com um ferro a brasa grande e pesado, passava horas ali na sua rotina quase que diária, e eu a imitava brincando de passar as roupinhas das minhas bonecas, só que o meu era um pequeno ferro também a brasa que minha mãe usava para passar roupas de menor tamanho. Os anos evoluíram, o ferro elétrico chegou em nossa casa e o pequeno ferrinho a brasa foi me dado para brincar.

O trecho da história acima reproduzido apresenta parte da memória de infância de Jurema Barbo, estudante do ensino médio da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Colégio de Aplicação da UFRGS. O trabalho foi elaborado dentro do projeto de investigação intitulado *Leituras e Escritas Autobiográficas*, coordenado pelo professor Rafael Arenhardt e Taís Mallmann.

Conforme explica Rafael, o projeto de investigação é um componente curricular da EJA, que acontece nas sextas-feiras à noite. A iniciativa envolve vários professores, que se reúnem em grupos e propõem atividades contemplando diversas modalidades.

Os estudantes podiam escolher livremente os projetos em que desejavam participar. “Em um primeiro momento, a procura por nossa proposta foi pequena. Essa coisa de ler em público e escrever é um pouco assustadora”, ressalta Rafael. Sua colega Taís acrescenta: “O legal é que começamos com uns quatro alunos,



Cristina, Marcus e Jurema dizem que a experiência os ajudou a refletir sobre as próprias histórias de vida

mas, terminada a primeira semana de trabalho, começaram a aparecer cada vez mais pessoas. No fim, ficamos lotados e acabamos tendo mais participantes do que pretendíamos”.

Metodologia – Os estudantes trabalharam a partir das biografias de três personagens: Anne Frank, Malcom X e Stephen Hawkins. Primeiro, foram lidos trechos dessas histórias em sala de aula, depois, os professores exibiram filmes sobre as vidas dessas pessoas e, na sequência, o grupo foi estimulado a escrever sobre a experiência, acrescentando um pequeno relato autobiográfico.

“Não fizemos a leitura integral das obras. A gente elegeu determinados momentos da vida dos personagens relacionados aos episódios que queríamos trabalhar. Por exemplo, no caso do *Diário de Anne Frank*, selecionamos situações ligadas à infância e à família, a fim de desencadear a leitura e, a partir daí, a escrita dos estudantes sobre o

episódio”, relatam os docentes.

Para estimular o grupo, o projeto teve início com uma dinâmica chamada ‘objetos da memória’, na qual cada aluno foi incentivado a trazer para a sala de aula um objeto significativo de seu passado. “Esses objetos não poderiam ser mostrados aos colegas. Por isso, cobrimos uma grande mesa com um pano e as pessoas iam chegando e escondendo o que haviam trazido. Depois, cada um devia escolher um objeto que não o seu, tentando identificar a quem ele pertencia. Assim, a gente foi conhecendo um pouco da história de cada um a partir daqueles artefatos”, conta Rafael.

O melhor resultado desse processo, na opinião do professor, não foi o desenvolvimento da proposta, mas o que os alunos fizeram com ela. “Fizemos um vídeo e um livrinho com os textos produzidos. Eles incorporaram a ideia, fazendo bem mais do que tínhamos pensado inicialmente.”

Memórias e sonhos – “Reescrevi o meu trabalho até o último minuto. Para mim foi muito importante relembrar alguns episódios da minha família. Tinha apagado a memória do meu pai, que saiu de casa quando eu tinha cinco anos de idade. Mas quando comecei a lembrar da infância, percebi como havia sido injusta. Aquilo foi tão bom e tão forte que eu liguei para ele”, revela Cristina, moradora de Viamão, onde trabalha como atendente em uma farmácia há seis anos. Aos 29 anos, com marido e dois filhos, ela frequenta o EJA porque pretende começar uma nova caminhada na área da educação: “É a minha paixão: quero ser professora”.

Jurema já havia tentado concluir o segundo grau por diversas vezes. Ela casou cedo e o marido achava que ela deveria ficar em casa, tomando conta dos filhos. “Fui funcionária pública, mas tive de abrir mão da carreira. Agora que

trabalho na recepção da Faculdade de Odontologia para uma empresa terceirizada que presta serviço para a UFRGS, aproveitei para voltar a estudar. Aos 52 anos, meu sonho é fazer uma faculdade de hotelaria ou gastronomia.”

Marcus tem 29 anos e abandonou os estudos quando começou a frequentar aulas de reforço em informática na escola. “Me apaixonei pela informática e acabei rodando. Meus pais aceitaram que eu me dedicasse à área e, assim que aprendi a criar sites, comecei a vender os meus serviços. O jovem desenvolveu uma rica carreira profissional, pontuada por lances de sorte e pela forte vontade de criar. No entanto, um problema de saúde causado pelo excesso de trabalho o levou a querer voltar aos estudos. “Percebi que, para ‘baixar a bola’, preciso ser obrigado a frequentar algum lugar. E como nunca falto, decidi voltar a estudar. Me inscrevi no EJA no último dia e estou aqui.”

Dois-pontos

Antônio Falcetta, revisor

antonio.falcetta@secom.ufrgs.br

► Arrumação

O efeito visita súbita é aquele que nos faz ajeitar a casa às pressas, recorrendo a algumas tapeações, como esconder no fundo do armário de roupas a pilha de acessórios que não se sabe exatamente onde colocar, ajeitar cenicamente as almofadas do sofá, desamarrotar o panô da poltrona, etc. Tudo em quinze minutos que compensam a semana de desordem em função do excesso de tarefas. Pôr a casa em ordem ficaria para a primeira oportunidade de ócio – ou para a primeira visita. Ao soar a campainha, atendemos com disfarçada calma, como se as coisas estivessem assim sempre. E a expressão de quem estava entregue à leitura, sem atrito, em movimento retilineamente

uniforme pelo etéreo universo das palavras. Sempre soube que um dia usaria esse importante conceito da física. Obrigado, professor Bolacha! Das poucas aulas a que assisti, nunca esqueci o MRU.

Esse prefácio anedótico está servindo para preparar o leitor ao tema, como todo prefácio. Mas também tem um tom confessional, para dar à crônica a atmosfera intimista que se permite ao gênero.

Neste período de migrações, talvez seja o momento de darmos alguma arrumada na casa. Afinal, nossos hóspedes chegarão em hordas e temos de passar aquela impressão de que estávamos desde o final do último verão à sua espera. Apesar da nossa tímida vocação para o turismo receptivo, a experiência da Copa do Mundo, noves fora

as controvérsias, despertou algo inesperado. Somos bons recebedores. Talvez maus gestores dos potenciais turísticos, mas o material humano não é desqualificado. Em um período em que viajei com frequência pelo Brasil, descobri um povo, especialmente o mais distante dos grandes centros urbanos, completamente hospitaleiro. Ao ponto de dividir sem frescura ou sestro uma xícara de café com pão numa “residência” localizada embaixo de uma ponte. O sertão das infundáveis veredas deste país poderia servir de modelo aos sec(re)tários de turismo. Ganharíamos todos.

Bem, terminado o prefácio, que ficou maior que o texto principal, vamos à pauta... sobre linguagem: um guia rápido para uma interlocução-relâmpago (tudo culpa

do prefácio!) em espanhol. *Exquisito*, na língua dos hermanos, não significa estranho, exótico, mas delicioso, sendo no geral atribuído à comida. Se externado, orgulhe-se o chef. *Cerrar*, verbo, é como o nosso pouco usado *cerrar*, que significa fechar (a porta). *Alejado* não é defeito físico, mas distante, afastado. *Prender*, por favor, não é caso de polícia. É usado como o nosso acender (a luz). *Cola*, para organizarmos a desordem, é fila. *Doce* não faz mal aos diabéticos. É o número 12. *Dulce*, sim, *con crema!* *Rato* não é o mamífero, mas um espaço curto de tempo. *Termo* (é) traduz-se por garrafa térmica, sempre acompanhando o mate. Antes que eu corra o risco de a editora *tirar* (jogar no lixo) meu texto, *me quedo* (fico) por aqui. Hasta pronto!

Menos assistência, mais prevenção

Defesa Civil Mapeamento realizado pelo Ceped-RS pretende antever desastres causados por chuvas

Everton Cardoso

Chega o verão e, com ele, a estação das chuvas: inundações, deslizamentos e outros desastres decorrentes do aumento do volume de águas passam a ser uma preocupação constante para vários municípios do Rio Grande do Sul e mesmo do resto do Brasil. É por isso que, desde abril de 2012, uma nova política tem sido adotada no país com relação às consequências desses fenômenos: se antes o foco era assistencialista, ou seja, de auxílio às

pessoas atingidas de alguma forma, nos últimos dois anos tem sido mais voltado para ações preventivas.

Na avaliação da engenheira civil Alexandra Passuello, essa mudança se deveu a um contexto bastante específico. Em 2011, num momento de transição de governos no plano federal, houve uma série de eventos catastróficos na região serrana do estado do Rio de Janeiro. O saldo foi de mais de 900 óbitos, isso sem contar os desaparecidos cujas mortes não foram confirmadas. “O governo deu uma resposta rápida. Naquele

ano começou uma mobilização muito grande e, em 2012, foi lançado o Plano Nacional de Gestão de Risco e Resposta a Desastres”, relata.

Gestão de riscos – Nesse contexto, o Centro de Pesquisas e Estudos sobre Desastres no Rio Grande do Sul (Ceped-RS), que é vinculado à Universidade, passou a desenvolver um projeto que pretende contribuir para o levantamento das áreas do estado que estejam sujeitas a esses fenômenos naturais e suas decorrências. Intitulada *Mapeamento de*

Vulnerabilidade de Áreas Suscetíveis a Deslizamentos e Inundações, a iniciativa atende oito municípios gaúchos e é coordenada pelo professor e diretor da Escola de Engenharia Luiz Carlos Pinto da Silva Filho. O projeto prevê a execução de um levantamento de dados, a aplicação de instrumentos de mobilização social e o estabelecimento de uma metodologia para aferição de riscos em Estrela, Encantado, São Lourenço do Sul, Capão do Leão, Rolante, Novo Hamburgo, Igrejinha e Sapucaia do Sul.

Alexandra Passuello, que responde pela coordenação técnico-administrativa do projeto, relata que esse estudo parte de uma perspectiva interdisciplinar participativa e pretende unir o conhecimento técnico, gerado pela academia, ao saber popular e local, advindo dos habitantes das áreas estudadas. “Precisamos de um diagnóstico para entender quais as áreas de risco”, assevera. Foi a partir dessa necessidade, que o Ceped-RS partiu para entender a situação nos municípios que tiveram, nos últimos anos, maior frequência de inundações, enxurradas e movimentações do solo. “Não sofremos tantas mortes quanto no Rio de Janeiro, mas, da forma como as cidades têm-se desenvolvido, ocupando áreas inadequadas em encostas e margens de rios, poderemos ter ampla ocorrência desses eventos”, explana.

A engenheira civil explica que a gestão de riscos é um processo bastante complexo, que é norteado, pelo projeto que desenvolvem, a partir de três princípios fundamentais. O primeiro deles é interdisciplinaridade, ou seja, um trabalho coletivo que envolve áreas diversas, porém relacionadas – engenharia civil, arquitetura e urbanismo, geologia, assistência social, gestão ambiental, entre outras. Além disso, pressupõe participação social em todos os níveis, incluindo a comunidade e os técnicos e gestores públicos. Finalmente, privilegia a relação da academia com as pessoas que vivenciam a problemática em seu cotidiano. “Quando um técnico vai a campo e acha que só a partir do que ele sabe consegue interpretar um problema, tem grandes chances de se equivocar. São perspectivas complementares que se configuram como uma capacitação contínua.”

O loteamento Marmitt, em Estrela, RS, fica ilhado quando as águas do rio Taquari sobem e provocam o represamento dos arroios que cercam a região, isolando seus habitantes. O morador Floribal Alves mostra até onde a enchente já subiu, alagando sua casa. A Defesa Civil do município tem um projeto para transferir os moradores de áreas de risco para regiões mais seguras, mas depende da adesão dos habitantes.



FLÁVIO DUTRA/JU

Ações integradas e vontade política

Conforme a arquiteta e também integrante do projeto Eloisa Giazzon, é possível notar diferentes níveis de participação da população nos municípios estudados. Como um exemplo de lugar em que o trabalho aconteceu de forma mais eficaz, ela cita Estrela. “Lá, a mudança se dá num nível preventivo, de integrar políticas antes que o evento aconteça”, conta. Situado nas margens do rio Taquari, o município é dos que mais sofrem com as inundações causadas por grandes precipitações. Em épocas chuvosas, a parte do curso de água situada na região serrana do RS fica demasiado cheia e faz com que, na parte mais baixa aconteçam enchentes. Para o coordenador da Defesa Civil da cidade, Jorge Both, em torno de 4 mil pessoas são atingidas quando esses desastres chegam a níveis mais altos. Considerando que a população total é de pouco mais de 30 mil, segundo dados do IBGE de 2010, isso representa 13% das pessoas que habitam os 184,178 km² do território estrelense. “Estamos na área central dos municípios banhados pelo rio, e temos

mapeadas em torno de 1.060 residências que são atingidas em uma inundação de 27m”, diz o militar aposentado sobre as consequências de momentos em que o curso d’água chega a alcançar mais que o dobro dos seus regulares 13m de profundidade.

Jorge esclarece que a Defesa Civil do município já vinha fazendo um cadastramento das famílias em situação de risco e, também, o monitoramento do nível do rio para poder prever quando há inundação e remover os moradores que podem ser atingidos. “Com o início do projeto do Ceped-RS, vimos que não estávamos errados. A presença da Universidade nos deu mais segurança, respaldo técnico”, avalia. Dentre as áreas mais críticas de Estrela, o coordenador destaca o loteamento Marmitt: em inundações pequenas – de 23m – cerca de 1.500 pessoas ficam ilhadas. “A área tem apenas duas rotas de fuga e que já ficam interditadas em níveis baixos de enchente”, aponta. Por isso, existe um núcleo dentro do bairro que, a partir de informações sobre o

movimento das águas do Taquari, organiza a remoção das famílias para abrigos públicos, para casas de parentes e amigos ou para o segundo piso da residência, quando há. “Alguns precisam de remoção especial, como cadeirantes por exemplo, então já temos tudo isso cadastrado, o que facilita o processo”, acrescenta. A partir das ações da Defesa Civil e do mapeamento realizado pelo Ceped-RS, Jorge planeja um conjunto de ações que poderá elevar a antecipação da evacuação do Loteamento Marmitt de 15 para 30 horas. Para que isso seja possível, porém, ainda é necessário avançar: muitos dos municípios situados mais acima no curso do rio não dispõem de dados que permitam esse prognóstico antecipado. Em alguns casos, por falta dos equipamentos necessários, em outros, porque os indicadores não estão disponíveis. “Hoje temos de acessar cinco sites diferentes! Precisamos colocar tudo num só lugar a fim de agilizar o processo. Acredito que junto com o Ceped-RS conseguiremos chegar a esse objetivo”, enfatiza.

No âmbito do projeto de mapeamento de vulnerabilidades, a assistente social e engenheira civil Andréa Jaeger Foresti é responsável direta pelo trabalho com Estrela. Na avaliação dela, desde a primeira reunião realizada em outubro de 2013 com o prefeito da cidade, Carlos Rafael Mallmann, ficou claro o posicionamento favorável à mudança de perspectiva, voltada para a prevenção. “Ele disse que queria articulação com os demais setores da prefeitura. Como convivem com inundações há tempo, a equipe é muito organizada”, analisa. Ela destaca ainda o fato de os servidores técnicos do município compreenderem a importância do projeto, atendendo prontamente às solicitações da equipe do Ceped-RS: “Eles entendiam com facilidade que a coleta de dados representava um trabalho a mais para eles, mas que facilitaria a gestão de riscos quando o projeto estivesse pronto”. “Ainda há muito para se desenvolver”, acrescenta, “mas já se nota uma aproximação maior entre a defesa civil, os demais setores da prefeitura e os moradores”.



Kaylana Barrachini
gostou da experiência
de estar pela primeira
vez na Universidade

Juventude em formação



FLAVIO DUTRA/JU

Geração Z Fronteiras do Pensamento e UFRGS abordam temas de ciência e conhecimento

Everton Cardoso

Eles compõem 18% da população brasileira e curtem jogar videogames, praticar esportes e ouvir música. Muitos já tiveram o primeiro trabalho, mas odeiam os afazeres domésticos. Ainda que tenham um poder de compra baixo – a renda pessoal média é de R\$ 173 por mês –, valorizam marcas divertidas e inovadoras; consideram o celular e um computador com acesso à internet itens indispensáveis para o cotidiano. Veem-se como experts em assuntos relacionados à tecnologia, usam redes sociais e são capazes de, simultaneamente, assistir à TV, ouvir rádio, usar computador e ler. Na televisão, querem saber de entretenimento: filmes de comédia, ação e aventura, programas humorísticos, telenovelas nacionais e esportes ao vivo. São ambiciosos, independentes, impulsivos e pluggados; querem mudanças, viajar ao exterior e estar em dia com a moda; e a grande maioria sonha ingressar em uma universidade. Assim uma pesquisa realizada pelo Ibope no princípio desta década definiu o perfil dos 11,6 milhões de brasileiros entre 12 e 19 anos que compõem a Geração Z. Tendo em vista o perfil da nova adolescência é que o Fronteiras do Pensamento

vem realizando, em parceria com a UFRGS e a Prefeitura de Porto Alegre e o patrocínio da Petrobras, o Fronteiras Educação.

Aula diferente – “Gostei do livro. Achei legal que tem a tabela periódica”, diz Wesley Bochi Chaves sobre o material que recebeu na chegada ao Salão de Atos no dia 2 de dezembro passado. Estudante de oitavo ano da Escola Municipal José Mariano Beck, situada no Bairro Bom Jesus, da capital, o adolescente de 15 anos gosta de estudar, mas o que curte mesmo no colégio é a possibilidade de ver os amigos e professores diariamente. Com gosto por Matemática e Ciências, diz ter achado legais as aulas que teve sobre a parte óssea do corpo.

Quarta edição do projeto no ano de 2014, o encontro abordava uma “teoria de tudo” – um conjunto de leis fundamentais da Física que fosse capaz de explicar o funcionamento do universo desde suas partículas mais ínfimas até fenômenos mais complexos. As edições anteriores trataram de mobilidade urbana, tolerância e cultura contemporânea e tiveram um público de estudantes de 117 escolas. Em cinco anos, o Fronteiras Educação publicou doze fascículos, mobilizou mais de 20 mil alunos e três mil professores, distribuindo cerca de 50 mil publicações que estão disponíveis também para download no www.frenteiras.com.

Eram 9h30 e pouco mais da metade da plateia do Salão de Atos estava ocupada pela Geração Z. O clima era de inquietude: conversando sem parar, os adolescentes não cansavam de registrar o momento com os celulares. Eram selfies em profusão. Quando as luzes se apagaram, gritos e assovios davam sinais de agitação.

“Bom-dia” gritou o poeta e cronista Fabrício Carpinejar do meio da plateia, ao que logo recebeu uma entusiasmada resposta do público; ele era um dos condutores das atividades daquela manhã. No palco, a professora do Departamento de Artes Visuais Joana Bosak – mediadora dos encontros – e o professor do Departamento de Física Emerson Luna – convidado desta edição –, ambos da UFRGS, se posicionavam para tratar de temas de Física e Ciência para a jovem audiência. Com sua primeira participação no projeto, o físico teórico sentiu receptividade por parte do público: “Foi mais do que imaginava. Esperava dispersão, mas pareciam curiosos pelo assunto”. Acostumado a dar aulas para estudantes de graduação – tem quase uma década de experiência –, o professor disse ter sentido muita diferença ao precisar se dirigir a uma audiência que, além de leiga no assunto, era bastante jovem. “Foi legal, mas encontrar a linguagem certa e fazer com que conceitos de Física fossem entendidos por pessoas que estão começando sua trajetória intelectual foi um desafio.

Mas foi bom”, pondera. A estratégia de Emerson foi imaginar seus filhos Pedro, de 10 anos, e João Gabriel, de 15, e sua avó Vandira, de 80 anos, como seu público: “Meus filhos, porque é a faixa etária que está muito curiosa, e minha avó, pelo fato de ser uma pessoa que não tem nenhuma formação na área”. No caso da Física Quântica, tema do encontro, o obstáculo foi ainda maior, pois, segundo o docente, é difícil encontrar metáforas no cotidiano para explicar esses fenômenos que contrariam a intuição. “Apreendi muito com a experiência”, arremata.

Novo público – Participante do projeto desde a sua primeira edição, Joana Bosak se diz orgulhosa por estar envolvida com o que tem sido uma forma de levar os assuntos abordados no Fronteiras do Pensamento para outro público. São, pois, discussões atuais: nesta edição, o físico teórico Brian Greene e o compositor Philip Glass, ambos estadunidenses e conferencistas da edição deste ano do projeto para adultos, serviram de referência para a versão destinada à Geração

Z. Tanto é que, no encerramento do encontro matinal, vídeos com falas de ambos foram reproduzidos para a plateia multimidiática. “O objetivo é formar público e despertar um horizonte de abertura de mundo e universo. Assim, pretende-se dar um espaço para essa gurizada se inserir como sujeito”, diz a historiadora. “Nosso papel aqui”, enfatiza, “é de educadores. Muitos não estão nem aí para o que dizemos, mas se atingirmos 10% desse público já ficamos felizes. Eles precisam disso, não sei se estão tendo esse tipo de conteúdo em outro lugar”. Para Joana, o fato de estarem dentro da Universidade aproxima esses estudantes de uma realidade à qual não estão habituados. Essa é a impressão que Kaylana Lima Barrachini, de 12 anos, aluna de sexto ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Mario Quintana, da Restinga, leva consigo depois do encontro: “Achei bem bonito aqui na Universidade”. E, sorrindo, completa: “Gostei muito das luzes”. Era a primeira vez que a menina que gosta de estudar Português – em especial verbos – punha os pés na UFRGS.

Sala de aula ampliada

Professor de História na Escola Municipal José Mariano Beck, que fica no Bairro Bom Jesus, Lawrence David vê no Fronteiras Educação o mérito de despertar nos estudantes a atenção para temas que considera importantes para uma formação mais ampla. Depois da participação de seus alunos na edição sobre justiça, tolerância e igualdade, ocorrida em 10 de outubro, o docente promoveu em sala de aula uma discussão sobre o quanto ele acredita ser necessário que jovens sejam protagonistas em lutas sociais. “As coisas não vão cair do céu, ainda mais que eles moram na região periférica da cidade. É preciso que esses garotos se mobilizem”, assevera. Lawrence conta que sempre aproveitam o material impresso recebido pelos

alunos: são coletados os exemplares descartados pelos estudantes a fim de serem disponibilizados na biblioteca da escola. Apesar de fazer coro à avaliação do colega, o supervisor Jovani Scherer, que atua na Escola Municipal Gabriel Obino, situada no Bairro Teresópolis, tem algumas críticas. Para ele, em muitos momentos há referências a temas distantes demais da realidade dos alunos sem que sejam devidamente explicados. “Usam muitos termos e ‘conhecimentos prévios’ que os alunos não têm. Isso faz com que a atividade se torne enfadonha para eles. Além disso, se fala em Geração Z mais midiática, mas os telões foram usados no início para a espera e no final, no momento dos vídeos, e não durante a mediação”, pondera.



A ânsia da nossa era

Psicanálise

José Zuberma fala sobre o sofrimento em meio à sociedade de consumo

Samantha Klein

“Os pacientes não chegam mais ao consultório com questões a serem resolvidas. As pessoas, muitas vezes, vão ao psiquiatra sem saber o motivo de sua ansiedade.” Essa é a constatação do psicanalista e professor da Escola Freudiana de Buenos Aires José Zuberma, que há mais de uma década participa periodicamente de estudos de caso junto à Clínica de Atendimento Psicológico do Instituto de Psicologia da Universidade. A experiência proporciona o intercâmbio de conhecimentos e traz à tona novas descobertas sobre problemas psíquicos relacionados à atualidade. Atento aos temas contemporâneos, Zuberma também questiona a lógica consumista que minimiza e exclui o amor das relações humanas.

Vivemos em uma sociedade muito mais complexa, na qual os laços comunitários se desfizeram e as pessoas não podem contar com a solidariedade dos vizinhos. Nesse cenário, é correto dizer que temos mais dificuldade de adaptação ao meio social?

Sempre tivemos dificuldade para nos adaptar ao meio social, mas para a psicanálise essa não é a principal preocupação. Isso é o que a psicologia norte-americana pretende com a adaptação do homem ao meio. Nossa preocupação é com a realização do desejo do sujeito. Em lugar de se adaptar, o objetivo é estimular. Freud dizia que o homem realiza o amor a partir do trabalho e com a criatividade. O discurso capitalista transforma o lugar de um determinado objeto, causa do desejo, em objeto de consumo. É parte do cotidiano que alguém diga ao companheiro que não suporta mais a vida, que é preciso trocar de carro, de apartamento ou de televisão, ignorando todas as perguntas sobre o que gera o mal-estar em que ele se baseia. Amparar essa pergunta elevaria a questão pela singularidade do desejo, enquanto o discurso capitalista ignora e exclui.

O estado neurótico concebido por Freud não caracteriza mais as angústias do indivíduo?

O que estamos trabalhando é aquilo que Freud chamou de sintomas neuróticos. O estado neurótico tem a ver com os sujeitos que apresentam sintomas, mas não entendem o porquê desses indícios. Por exemplo, uma paciente que não consegue sair de casa por conta de algum motivo banal. Esse é um sintoma neurótico; a característica é perguntar-se o que está acontecendo. O problema é que mudaram muito os motivos das consultas ao psicanalista. Agora há anorexia, bulimia...

Há pessoas que se angustiam muito, mas que ao chegar ao consultório dizem não ter quaisquer perguntas sobre si mesmas. Hoje, as pessoas têm um sofrimento que já não suportam mais, mas não conseguem evitar a bulimia e vomitam. Antigamente, os adolescentes eram levados ao consultório porque não sabiam o que estudar na faculdade ou como abordar uma menina. Era um sintoma neurótico, pois sabiam qual era o problema e queriam resolvê-lo. Agora, os pacientes não falam nada. E, ao serem questionados sobre os motivos da consulta, respondem: “Porque meu pai mandou”.

Quais são os efeitos do desejo na prática da análise psicológica?

O desejo sustenta a tarefa de análise feita pelo psicanalista. Por exemplo, os pacientes chegavam com perguntas do tipo: “Eu gostava tanto da leitura e, agora, mal abro um livro e durmo. Por que acontece isso?” ou “Por que, se gostava tanto de sexo, mal sustento a obrigação matrimonial?”. Essas questões mostram o sintoma. O paciente que nos consulta hoje chega com um padecer que não é indício. Vai ao analista porque já não tolera seu sofrimento. As consultas mudaram muito, o que significa a eficácia do discurso capitalista. Os psicanalistas atendem casos de dependência, anorexia e todo o tipo de transtornos que não atingem o estatuto de sintoma como Freud o define. Dessa forma, é mais difícil sustentar uma análise diante das terapias comportamentais, que não interrogam o sujeito.

Podemos dizer que vivemos em uma sociedade de indivíduos angustiados e ansiosos?

Acho que vivemos mais em uma sociedade de sofrimento do que de angustiados. Um sofrimento de ansiedade. Os angustiados falam sobre o problema, por isso alguns confundem ansiedade com angústia. Certos psiquiatras inclusive receitam ansiolíticos (utilizados para ansiedade e tensão). A diferença é que a angústia tem a ver com um objeto de desejo que não pode ser alcançado; no caso da ansiedade, existe algo mais primário. Os ansiolíticos nunca vão resolver o problema da angústia porque o único remédio é deixar falar. Se a maioria das pessoas fosse angustiada, seria mais fácil de resolver. O problema é que não se tem tempo para estar angustiado, nem apaixonado, nem em luto.

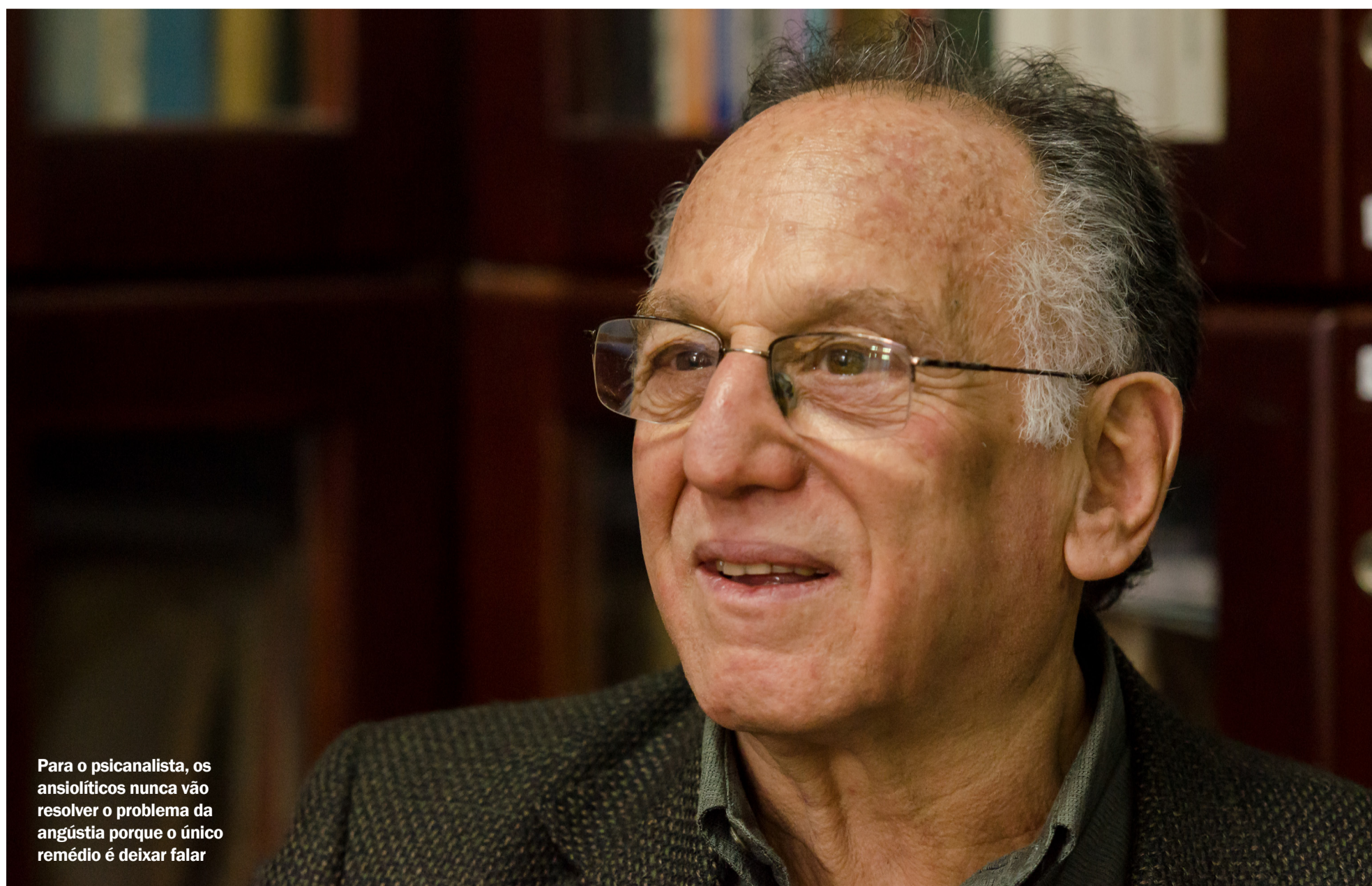
Em relação à grande exposição narcisista que ocorre nas redes sociais, isso pode acarretar ainda mais problemas às pessoas?

Parece que as pessoas contam tudo de sua vida, se expõem como um livro escancarado, mas, na verdade, não dizem nada. Muito se associa nesse âmbito do discurso capitalista o ter ao parecer feliz, mas, de fato não se fala nada sobre o amor, que é o mais importante a se pensar na psicanálise. Ao mercado não interessa saber como você passou a noite com seu parceiro ou seu familiar, se você está bem consigo mesmo ou não, feliz ou triste. Não interessa como se passam verdadeiramente as relações. O desejo do

sujeito é ignorado; se ignora o que o sujeito quer do amor, o que ele quer de si próprio. Supõe que vale mais a imagem. Então, a fim de conservar uma boa imagem, as modelos deixam de comer. Para conservar essa imagem também se tornam anoréxicas. “O que não aparece na televisão não existe”, isso é o que diz a sociedade hoje em dia.

O discurso capitalista exclui o amor? Por quê?

A lógica capitalista se posiciona como a explicação para tudo. Nossos contemporâneos mostram um discurso econômico que dá respostas acabadas a toda inquietação das pessoas. Já a psicanálise não é uma concepção do mundo, nem pretende explicar tudo, já que o psiquiatra interroga o paciente, procura entender o que o outro sabe. O complexo de castração freudiano já indicava que, para o humano, o universo não está ao seu alcance. Para que o amor seja possível, sempre há algum semelhante em posição de causa, reconhecido como tal. O amor é uma eficácia da castração simbólica que o discurso capitalista ignora. Assim é que a sexualidade aparece tão despida de amor em nossa atualidade. O fato de que as coisas do amor se excluam fica evidente pelo pouco tempo dedicado às alegrias de nascimentos, casamentos e celebrações diversas que, cada vez mais, são tratados apenas como trâmites. É como se qualquer demonstração ou celebração afetiva fosse apenas mero sentimentalismo.



Para o psicanalista, os ansiolíticos nunca vão resolver o problema da angústia porque o único remédio é deixar falar



FLÁVIO DUTRA/ARQUIVO JU - JUL/2010



Encerrada a disputa presidencial, a coalizão vencedora precisará dar continuidade às conquistas e cumprir as promessas de igualdade social

Futuro celeste

Uruguai

Tabaré Vázquez vence eleição e garante terceiro mandato consecutivo da Frente Ampla

O dia 30 de novembro de 2014 foi marcado por fortes tempestades que atingiram todo o território uruguaio e também assinalou a vitória de Tabaré Vázquez na disputa presidencial. Depois de conseguir 47,8% dos votos no primeiro turno das eleições e alcançar maioria parlamentar, o médico oncologista confirmou a vitória no segundo turno com 53,6% contra o candidato Luis Lacalle Pou, do Partido Nacional, que ficou com 41,1%. Este será o terceiro governo consecutivo da coligação de esquerda Frente Ampla.

Responsável por conduzir a Frente ao poder – foi eleito prefeito de Montevideu em 1989 e, em 2004, presidente da República –, rompendo com a hegemonia dos partidos Nacional e Colorado (ambos com mais de 170 anos de tradição), Tabaré obteve votação histórica. Ele ganhou as eleições com a maior margem em relação ao segundo colocado desde 1996. No Uruguai, o congresso é totalmente renovado a cada troca de governo e os eleitores são obrigados a escolher candidatos à presidência, à Câmara de Deputados e ao Senado do mesmo partido.

Todos têm mandatos de cinco anos, sendo que o presidente não tem direito à reeleição.

Nas ruas, a vitória da Frente Ampla era dada como certa antes do resultado oficial. A campanha apática do segundo turno já apresentava Tabaré como presidente. Mas, antes disso, o cenário era de dúvida. Para o professor Enrique Padrós, uruguaio que vive no Brasil há cinquenta anos, o ponto de virada se deu com o plebiscito de 27 de outubro, que rejeitou a redução da maioria penal. “Milhares de jovens, muitos da Frente Ampla, se organizaram por todo o país e foram às ruas quatro dias antes das eleições para tentar barrar a medida. Isso deixou claro que a juventude se identificou com a Frente. Houve um clima de festa e, no segundo turno, o resultado já era sabido”, avalia o docente do Programa de Pós-graduação em História da UFRGS.

A Frente Ampla é uma coalizão de esquerda que congrega vários grupos e movimentos internos, entre eles socialistas, comunistas, marxistas, leninistas, democratas cristãos, ex-guerrilheiros e independentes. O surgimento da Frente quebrou o ciclo bipartidário de Colorados e Blancos, partidos fundados em 1836. “Ela foi criada em 1971 e, dois anos depois, com o golpe militar, foi colocada na clandestinidade, deixando de atuar por doze anos. Quando termina a ditadura, não se sabe o que vai acontecer com esse partido porque ele não teve vida útil. Mas, na verdade, ele teve, sim, nas prisões, na clandestinidade, no exílio. É uma força política que, de alguma forma, acabou se constituindo, e hoje

virou uma realidade importante”, explica Enrique.

Quando Tabaré assumiu a presidência pela primeira vez em 2005, o país, contagiado pelo colapso argentino, estava devastado pela pior crise econômica e social de sua história contemporânea. Ele recebeu o governo com um dos níveis de endividamento per capita mais altos do mundo, um aparato produtivo estancado, uma economia débil e os índices de pobreza e indigência mais elevados da história. Conforme Enrique, a chegada da Frente Ampla ao poder vem acompanhada de um sentimento de esperança. “Depois da destruição da economia e do sistema político a partir da ditadura, a população e principalmente os mais jovens começam a acreditar que há um futuro para o Uruguai.”

Entre as principais conquistas sociais dos governos da coalizão, destacam-se o crescimento do emprego – em 2005, havia cerca de 900 mil trabalhadores formais, e o número já ultrapassa um milhão e 400 mil, o maior nível da história –, a diminuição da pobreza – antes de 2005, 39% da população viviam abaixo da linha da pobreza, hoje são apenas 11% –, a restituição dos conselhos de salários e a fixação do regime de oito horas para os trabalhadores rurais.

Para a professora do Departamento de Relações Internacionais da UFRGS Sonia Ranincheski, um aspecto importante dos três mandatos consecutivos da Frente Ampla é o fato de que ela vem consolidando uma forma de governar e uma imagem positiva de governo de esquerda junto à população. “A

coalizão governa a Intendência de Montevideu há 24 anos e isso significa que a sociedade uruguaia está compreendendo de fato como é uma administração de esquerda”, aponta. “A população entendeu que, muito mais do que um partido de esquerda revolucionário, é preciso um partido de esquerda de defesa desses temas sociais”, complementa. No campo econômico, o país conta com um crescimento ininterrupto de dez anos – nos últimos sete, o incremento econômico médio anual foi de 6,4%, um dos maiores da América do Sul.

Um dos desafios será achar um ponto de equilíbrio em meio à crise

Mujica x Tabaré – O futuro presidente terá o desafio de suceder o popular “Pepe” Mujica, que conquistou o mundo com sua simpatia, austeridade, seus discursos a favor da paz e contra o consumismo. “Vai haver uma diferença de estilos em termos de governo, mas certamente isso não deverá mudar o foco nas questões sociais adotado pelo Uruguai”, afirma Enrique. “Mujica é um político que pensa menos nas questões funcionais e tenta entender o Uruguai a partir do cenário internacional. É um homem carismático que conquistou a confiança

internacional e nacional. Tabaré é um político com uma atuação respeitável, mas é um homem mais da máquina administrativa, o que também é importante na atual conjuntura”, conclui Sonia. A seu favor, Tabaré deixou o poder em 2010 com uma popularidade de quase 70%, aprovou reformas tributárias e de saúde, implementou um plano de emergência social e o Plano Ceibal, que beneficiou todos os alunos das escolas com um computador.

O novo presidente recebe alguns temas complexos que Mujica deixará para o próximo governo, como a implementação da comercialização de maconha nas farmácias uruguaias. Tabaré foi reticente quanto a esta lei, mas disse que vai mantê-la, com a condição de estabelecer uma avaliação rígida sobre o impacto que possa vir a ter sobre a sociedade. Outro ponto divergente entre os dois presidentes é em relação ao aborto – em seu primeiro mandato, o médico chegou a vetar uma lei que legalizava a prática, criando forte polêmica dentro da Frente Ampla.

Um dos desafios para a sua gestão será achar um ponto de equilíbrio em meio à crise que as grandes nações da América Latina enfrentam. “Se houver uma crise na Argentina, ela afeta o Uruguai, e se ocorrer no Brasil, também. É muito difícil que tu tenhas esses dois países numa situação ótima, mas isso beneficiaria muito o Uruguai. Essas assimetrias do Mercosul são um grande problema”, assinala Enrique. Para Sonia, existem ainda outras questões que devem ser tratadas com cuidado. “Os países latino-americanos não vão crescer como antes, e a questão econômica será o grande desafio. Resta ao novo governo saber lidar com a repercussão da chegada dos ex-presos de Guantánamo e com a melhora da qualidade da educação.” No Uruguai, onde governam os partidos mais do que os políticos, a Frente Ampla terá de dar continuidade às suas conquistas e cumprir as promessas de igualdade social, crescimento e transformação produtiva.

Esperança – O professor Juan da Rosa é um personagem muito conhecido na cidade de Artigas, no norte do Uruguai, onde dá aulas para crianças na chamada Casa de los Sueños. Dono de uma simpatia peculiar, é enfático ao descrever sua relação com a política: “Milito por meus ideais e sonhos. O presente e o futuro do nosso país requer a participação responsável de todos os seus cidadãos, encorajados por um grande ideal de esperança”. Segundo ele, o novo mandato de Tabaré deverá dar atenção e continuidade às responsabilidades sociais. “Esse governo saberá buscar as estratégias para garantir um futuro melhor para todos os uruguaio em um campo de convivência humana, com a criação de mais postos de trabalho e o prosseguimento de seus compromissos com a educação, a saúde, a habitação e a segurança pública.”

Manoella van Meegen, aluna do 6.º semestre de Jornalismo da Fabico



Drones inteligentes

Engenharia Grupo da UFRGS elabora veículos autônomos para uso na agricultura de precisão

Veículos aéreos não tripulados (VANTs), mais conhecidos como drones, são hoje amplamente utilizados para fazer fotos, vídeos ou simplesmente como hobby. Mas os pesquisadores do Laboratório de Sistemas de Controle, Automação e Robótica (Lascar) da UFRGS vêm desenvolvendo projetos para o uso desses veículos na agricultura e na defesa civil. O grupo está elaborando um programa de controle de guiamento e de transmissão, no qual, por meio do processamento de imagens, são identificados durante o sobrevoo padrões pré-programados pelos usuários. “A gente tenta usar o VANT mais como uma ferramenta e não como o foco, assim podemos aplicar qualquer projeto nele”, comenta Maurício Farina, estudante de Engenharia de Controle e Automação e bolsista na pesquisa.

Atualmente, o trabalho mais avançado ocorre na área da agricultura de precisão, em parceria com o curso de Agronomia, com testes sendo realizados na Estação Experimental Agrônômica da UFRGS. No experimento, o drone fez um voo sobre a lavoura, processando as imagens e buscando variações de cor, altura e textura no plantio. Como na Estação são feitos ensaios em diversos lotes com variados tipos de plantas, irrigações e quantidade de adubo, foi possível se identificarem de forma mais rápida os focos de doenças e a eficiência dos adubos e da irrigação. A proposta era testar se os robôs conseguiriam reconhecer as situações mapeadas anteriormente pelos pesquisadores, o que foi realizado com sucesso.

“Até aqui, o que se faz na agricultura de precisão é uma tomada de fotos em todo o campo, que depois são organizadas em forma de mapa. Este, então, é avaliado por um técnico, sendo que todo o processo leva em média de três a quatro dias. Queremos fazer esse processamento sem precisar da interferência humana para tomar as decisões, pois o drone recolhe as informações necessárias, conforme os padrões em que foi programado”, ressalta Rodrigo Rech, aluno do curso de Engenharia da Computação e também bolsista do grupo. Além disso, os VANTs conseguem mostrar o local exato em que está o problema, e com resultados imediatos sobre em que áreas poderão ser aplicados novos produtos ou a irrigação pode ser melhorada, diminuindo custos e tornando o

processo mais sustentável. Atualmente, como não é possível saber o foco dos problemas em tempo real, os produtos químicos são aplicados em toda a lavoura, causando maior desgaste no solo.

Além da área da agricultura, o grupo está desenvolvendo um projeto com o Centro Universitário de Pesquisas e Estudos sobre Desastres no Rio Grande do Sul (CEPED), um núcleo interdisciplinar da UFRGS na área da defesa civil. Em casos de desastres naturais, como deslizamentos de terra ou terremotos, o drone poderia localizar com uma câmera infravermelha o local exato em que o resgate precisaria operar, além de poder enviar suprimentos ou kits de primeiros socorros em regiões de difícil acesso.

Autonomia – Um dos principais diferenciais da pesquisa do Lascar é agregar inteligência aos VANTs para que sejam capazes de identificar os padrões programados pelos pesquisadores, garantindo autonomia ao equipamento. O estudo pretende ainda que o robô possa ser operado por pessoas sem conhecimentos específicos para utilizá-lo. “O usuário não vai querer se prender a detalhes do sistema, então nós desenvolvemos uma interface por meio da qual é possível programar o que quiser. Por exemplo, eu quero que o drone faça a cobertura de uma área, tirando fotos a cada dois segundos. Para isso, se tem uma interface em que se marcam os pontos de interesse a serem vistoriados e inspecionados, e o VANT tira a foto ou filma, dependendo de como foi configurado”, explica o professor Edison de Freitas.

Com essa autonomia, o drone pode planejar sozinho a sua rota de voo, a partir das imagens captadas, mudando o caminho quando houver uma situação que se encaixe na descrição indicada anteriormente, podendo ser programado para tirar novas fotos com maior resolução ou emitindo um alarme diante de uma situação incomum. O sistema ainda precisa passar por aperfeiçoamentos, mas os testes feitos até agora são promissores.

O drone é capaz de planejar sozinho a sua rota de voo

Para realizar os experimentos, os pesquisadores tiveram de acoplar um minicomputador aos veículos, com um processamento similar ao de um celular, por meio do qual podem programar conforme as necessidades dos projetos. “É esse tipo de autonomia que a gente concede ao VANT, acrescentando uma ferramenta a ele. Não é simplesmente

um programa que toma decisões baseadas em sim ou não, em aspectos lógicos. Estamos propondo fazer esse processamento de imagens nessa plataforma embarcada em tempo real, durante o voo em que ele vai coletando as imagens, processando e fazendo a identificação de padrões das imagens – realizando todas essas tarefas de maneira autônoma”, ressalta Edison.

Regulamentação – Por ser uma tecnologia ainda recente, os VANTs não possuem uma legislação para o seu uso, o que dificulta a elaboração de novos projetos.

A regulamentação dos drones é feita pela Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC), que não permite o voo desses equipamentos sobre locais públicos, a não ser com aviso prévio de 15 a 30 dias, para evitar que dividam o

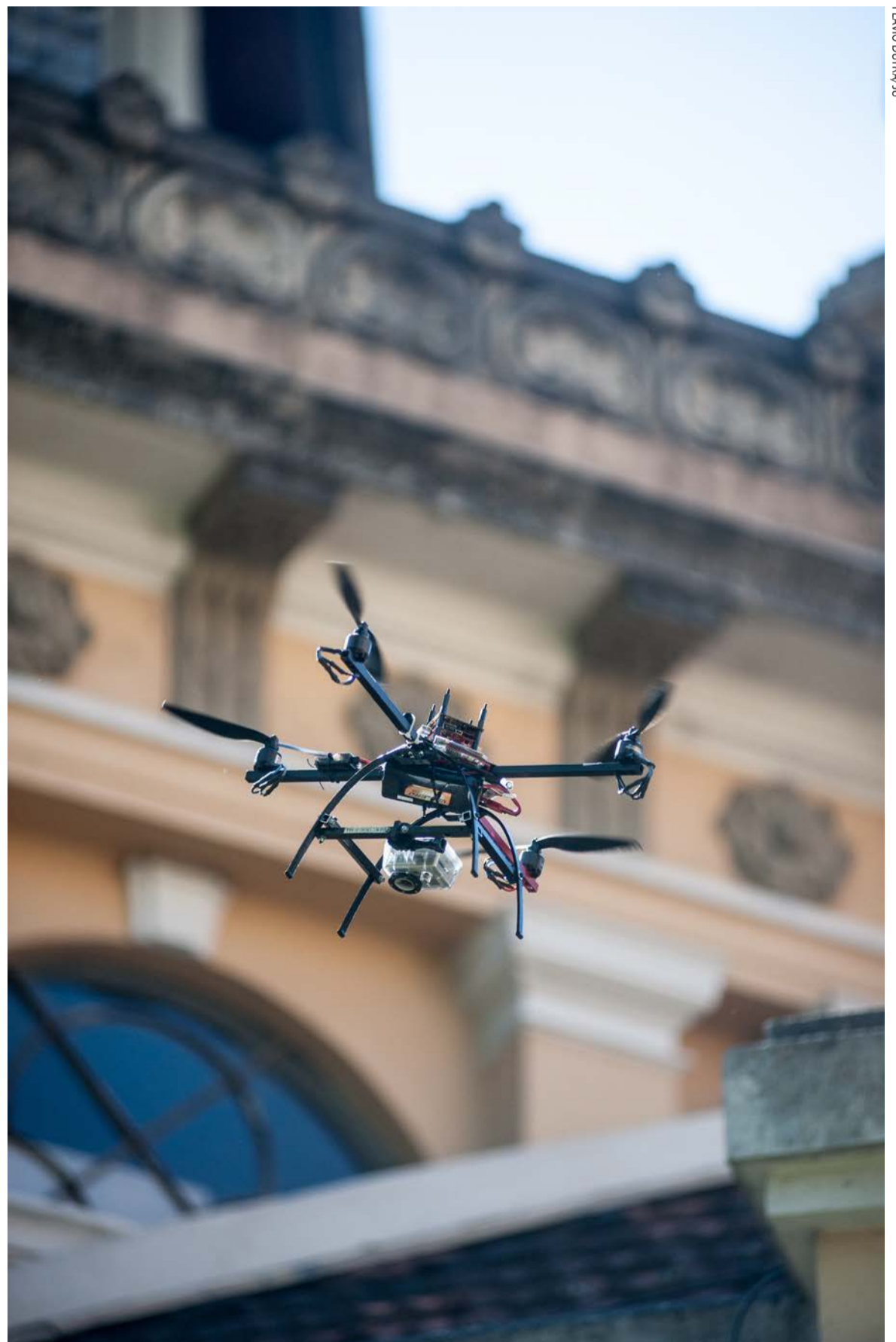
mesmo espaço aéreo com aviões e helicópteros. Porém ainda não existem normas unificadas para o tema, especialmente em relação aos seus usos comerciais, o que cria dificuldades para a geração de novas tecnologias que utilizem os VANTs.

Como os drones são liberados para áreas privadas, a agricultura de precisão acaba tendo vantagens sobre as outras utilizações do equipamento. E é por isso que o grupo preferiu fazer os primeiros experimentos em lavouras. A ausência de regulamentação também atrapalha a indústria nacional, que acaba por não investir nessa área. Hoje, nenhuma empresa brasileira no país domina a tecnologia, e os veículos precisam ser importados. Para o início de 2015, a ANAC pretende lançar uma legislação que permite que veículos com no

máximo 25 quilos possam voar em locais públicos a até 120 metros de altitude, porém com exigências de segurança, treinamento do piloto e normas de privacidade que deverão ser cumpridas.

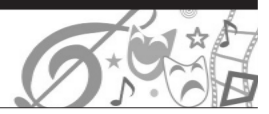
Nos Estados Unidos, a regulamentação é também um problema, principalmente devido à possibilidade do emprego desses veículos para terrorismo, dada a facilidade de lançar uma bomba a partir de um drone. Além disso, os VANTs podem causar acidentes se sobrevoarem de forma irregular áreas utilizadas por aviões ou helicópteros. Outra questão é a privacidade, já que podem servir como uma forma de vigilância ou para fazer vídeos e fotos de pessoas e locais sem consentimento.

Laura Pacheco dos Santos, aluna do 7.º semestre de Jornalismo da Fabico



FLAVIO DUFRÁ/JU

Os equipamentos têm programas que podem ser operados por pessoas sem conhecimentos específicos



Arte em circulação

Sistema artístico Livro analisa diferentes aspectos da produção e difusão de obras



FLAVIO DUTRA/ARQUIVO JU - FEV/2012

Everton Cardoso

Quando Maria Amélia Bulhões descreve o sistema de arte como um conjunto de indivíduos e instituições que se ocupam da produção, da difusão e do consumo de objetos e eventos designados por eles mesmos como artísticos, e que acabam por definir o que é arte em determinado momento histórico, demonstra o quanto essa dimensão da sociedade é, ao mesmo tempo, complexa e intrincada.

A pesquisadora e docente do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UFRGS parte dessa definição ao apresentar as reflexões que compõem o livro *As regras do jogo: o sistema de arte no Brasil*, por ela organizado. Dividida em quatro capítulos, a obra é resultado de

debates e projetos desenvolvidos no grupo coordenado pela professora.

De acordo com Maria Amélia, as discussões propostas em conjunto com seus orientandos nos textos que produziram para o livro tiveram origem na tese de doutorado que ela defendeu em 1990 na USP. “Foi feita nos anos 80 e, naquele momento, não consegui editar, apenas publiquei alguns artigos”, diz sobre o trabalho intitulado *Participação e distinção: o sistema das artes plásticas no Brasil nos anos 60 e 70*. “Muitos outros pesquisadores começaram a ler a tese e a trabalhar a partir dela. Esses três alunos avançaram em questões mais contemporâneas da arte. E foi de nossas conversas que tivemos a ideia de fazer esse livro que apresenta minha tese e o que se desenvolveu a partir dela”, relata

sobre o trabalho de doutoramento que, conforme a docente, era quase negado à época em que foi produzido. “Quando eu o apresentava em eventos, as pessoas pouco questionavam. Era como se não fosse algo de muito interesse. Ou como se a arte pairasse sobre essas questões conjunturais”, conta. O cenário, portanto, se modificou bastante e hoje é favorável a uma publicação como essa.

Depois de um capítulo de abertura em que a pesquisadora apresenta um resumo de sua tese, Nei Vargas da Rosa, Bettina Rupp e Bruna Fetter tratam, respectivamente, do empresariamento da arte no Brasil, do papel desempenhado por curadores e da internacionalização da arte contemporânea nacional.

De acordo com o mestre em Artes Visuais pela UFRGS Nei Vargas



As novas regras do jogo: o sistema de arte no Brasil

Maria Amélia Bulhões (org.), Nei Vargas da Rosa, Bettina Rupp e Bruna Fetter
Porto Alegre: Zouk, 2014
144 páginas
R\$ 28 (preço médio)

da Rosa, a maior contribuição do livro é juntar conceitos de uma forma que ainda não se havia feito. “Fortalece o interesse das pessoas para que leiam e debatam sobre a arte como ela circula nos ambientes institucionais”, afirma sobre o que considera o maior mérito do trabalho.

Os autores também fazem questão de destacar a preocupação de que a publicação não tivesse uma linguagem excessivamente hermética,

capaz de ser compreendida apenas pelos acadêmicos da área. “Esses textos foram feitos efetivamente a oito mãos. Todo mundo leu e mexeu no capítulo de todo mundo. Um foi corrigindo em cima da correção do outro”, explica Nei sobre o processo de produção. Agora, além de trabalharem na divulgação do livro, elaboram uma versão em inglês que será lançada como e-book neste ano, e projetam uma segunda edição.

Tribunos, profetas e sacerdotes

Tribunos, profetas e sacerdotes: intelectuais e ideologias no século XX

Bolívar Lamounier | São Paulo: Companhia das Letras, 2014
264 páginas | R\$ 46 (preço médio)

Bolívar Lamounier

O papel dos intelectuais

Nesta obra, Bolívar Lamounier disserta sobre as ideias antiliberais e liberais do ponto de vista dos intelectuais do século XX. O autor foca em três processos nos quais esses pensadores desempenharam importante papel: a construção do Estado, a industrialização e a contextualização da democracia. Enquanto países como a Alemanha e a Rússia tiveram formações essencialmente antiliberais, os Estados Unidos desenvolveu-se mais atrelado às ideias liberais. O Brasil, por outro lado, ficou dividido entre o liberalismo e o antiliberalismo. O pensamento liberal ganhou força nacionalmente após a Constituição de 1824, e o antiliberal, com o positivismo e, depois, com o marxismo.

Lamounier procura mostrar os diferentes papéis que os intelectuais assumem na esfera pública, classificando a atuação desses em tribunos, profetas e sacerdotes. Os tribunos se assemelham aos advogados, defendendo pessoas,

grupos sociais ou valores institucionais. Já os profetas são os que promovem a chegada de um novo mundo, uma receita de salvação. Por fim, os sacerdotes são os que separam os campos do bem e do mal, do permitido e do não permitido. Os últimos capítulos do livro, em que explicita até onde podem chegar os pensamentos antiliberal e liberal no país, são dedicados aos escritores Oliveira Vianna e Sérgio Buarque de Holanda. Sociólogo e cientista político, Lamounier traça as mudanças pelas quais os movimentos liberais e antiliberais passaram durante o século XX e como as suas ideias influenciaram importantes períodos da história. O sociólogo também ressalta a perda de espaço que esses pensadores estão sofrendo nos últimos tempos, devido à maior especialização dos acadêmicos e ao crescente aumento do uso das redes digitais, que se transformaram em um fértil local de discussão de ideias. (Laura Pacheco dos Santos)

O mundo de Jia Zhangke

Jean-Michel Frodon e Walter Salles (orgs.) | São Paulo: Cosac Naify, 2014 | 336 páginas | R\$ 50 (preço médio)

Iguaria para cinéfilos

O diretor de *Central do Brasil* e de *Diários de motocicleta*, Walter Salles, se encantou tanto com o trabalho de um dos mais importantes cineastas da atualidade, que lançou em 2014 um documentário sobre a filmografia do chinês. Além do filme *Jia Zhangke, um homem de Fenyang*, recentemente, a Cosac Naify publicou *O mundo de Jia Zhangke*, a mais completa obra sobre o cineasta já editada no Brasil.

A partir de textos de Jean-Michel Frodon, Cecília Mello e Walter Salles, o livro revela detalhes da trajetória pessoal de Zhangke. As lentes do mestre refletem as rápidas mudanças proporcionadas pela globalização em seu país. O crítico de cinema Jean-Michel Frodon chama a atenção para o fato de que o cineasta, ao contrário de seus conterrâneos, luta para que o seu cinema seja exibido para os próprios chineses. *O mundo*, de 2004, quarto longa-metragem de Jia Zhangke e o primeiro a escapar da proibição estatal, analisa as consequências da acelerada transformação da sociedade

chinesa. A trama se passa em um parque temático de Pequim, onde os turistas podem “conhecer o mundo sem sair da cidade”, já que o local tem reproduções da Torre Eiffel, do Big Ben e do parlamento inglês, entre outros monumentos. A produção discute a ilusória sensação de estar em todos os lugares ao mesmo tempo, reforçada pela internet. “Os personagens estão duplamente aprisionados, pelo parque e pela tecnologia”, considera Frodon.

A obra traz ainda uma entrevista em que o diretor revela detalhes de sua infância pobre em Fenyang, falando da influência positiva da família em relação à cultura e ao conhecimento. Pessoas importantes da equipe do cineasta também são entrevistadas, como no caso do câmera Yu Lik-wai e de Zhao Tao, estrela de todos os filmes de Zhangke. Mesmo quem desconhece o trabalho do cineasta vai perceber a importância do cinema por ele realizado. Para os cinéfilos, uma leitura indispensável. (Samantha Klein)



A raiz do samba

Na Sapucaí
A Velha Guarda
da Portela mostra
o que é tradição
no chão da escola

Samantha Klein

Mesmo sem conquistar títulos nos últimos anos, a escola da águia azul e branca é uma referência nacional para a cultura do samba. A Portela foi a primeira a ter o grupo formado pelos *antigos bambas* e serviu de inspiração para a criação de outras velhas guardas, como a da Estácio de Sá, a da Unidos da Tijuca e a da Mangueira. A agremiação, surgida no bairro carioca Oswaldo Cruz, ainda revelou grandes compositores e cantores, como Paulinho da Viola, Zé Ketí e Candeia. Também foi palco para Clara Nunes, uma das maiores sambistas do país. Nos anos 70, gravou grandes sucessos em homenagem à escola, como *Portela na avenida*.

A Velha Guarda da Portela, que comemorou o aniversário de 80 anos da Universidade com um show no Parque da Redenção no final de novembro, reúne músicos que cresceram no chão da azul e branco. Além disso, renova seus quadros com os filhos dos sambistas “antigos”, caso do atual presidente da escola. O grupo busca manter a tradição do samba de raiz, “sem agrotóxico”, segundo o líder Monarco.

A cultura do samba – O samba surgiu como uma tradição oral nos morros da capital carioca e, conseqüentemente, não primava pela autoria. A grande virada desse cenário surgiu, conforme os registros históricos, com *Pelo telefone*, o primeiro samba a ser gravado. Apesar da autoria controversa, a música assinada pelo sambista Donga e pelo jornalista Mauro Pinheiro foi gravada em 1917. Porém, até hoje é motivo de rugas em relação à autoria. A canção teria sido composta por diversos músicos na tradicional casa da Tia Ciata, um terreiro localizado na região central da cidade.

Já os blocos carnavalescos começaram a levar o ritmo para as ruas do Rio de Janeiro do passado. Um dos grandes expoentes foi Paulo da Portela (Paulo Benjamin de Oliveira), um dos criadores do conjunto Oswaldo Cruz, no começo dos anos 1920, que foi renomeado para *Quem nos faz é o capricho* e *Vai como pode* e, finalmente, se tornou o Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela. É a escola mais antiga em atividade permanente e a única que participou de todos os desfiles do Rio. A Portela foi a primeira a colocar alegorias na avenida e ainda é responsável



FLAVIO OLIVEIRA/JU

Monarco afirma que não é fácil emplacar um samba-enredo, pois ele mesmo esperou oito anos para ouvir uma composição sua na avenida

por introduzir a caixa-surda, o reco-reco, a comissão de frente uniformizada e o apito da bateria no carnaval.

O samba-enredo – Quando as escolas de samba começaram a desfilar no Rio, ainda não existiam os sambas-enredos, canções feitas para sustentar um desfile a partir de um tema predeterminado que uma agremiação vai apresentar no carnaval. Na época, eram selecionados dois ou três sambas de raiz mais tocados nas escolas como a Portela ou a Mangueira para serem interpretados na avenida.

O grupo
busca manter
a tradição
do samba de
raiz, “sem
agrotóxico”

A Portela teve um papel essencial para o desenvolvimento do gênero, sobretudo por causa da figura de Paulo da Portela, que era presidente da agremiação na época. O destaque é dado ao samba-enredo composto por Paulo para o desfile de 1939, *Teste ao samba*. “Foi a primeira vez na história do carnaval que uma escola desfilou combinando o enredo apresentado visualmente e o samba cantado na avenida. Até então, os sambas não precisavam estar de acordo com o espetáculo visual que a escola

mostrava”, destaca o historiador Luiz Antônio Simas, um dos autores do livro *Samba de enredo: história e arte*.

A partir desse marco, as agremiações carnavalescas começam a compor sambas específicos para os carnavais. O samba-enredo passou a ser uma instituição, com as escolas escolhendo o tema a partir de concurso. Monarco, o líder da Velha Guarda da Portela, diz que não é nada fácil emplacar um samba-enredo na escola. O veterano, que ingressou em 1946 na quadra da águia azul e branca, esperou oito anos para ouvir uma composição sua sendo cantada pelas baianas.

Conforme o músico, o bom samba surge a partir da inspiração. “Só é bonito quando vem inspirado e, para isso, precisa ser composto com calma. E o compositor que tiver mais sorte será o escolhido. Há uns quatro ou cinco anos, a Portela vem sendo bem servida de sambas-enredo, graças a Deus. Houve um período de composições mecânicas para o carnaval, uns troços feitos a martelo, que deixou a plateia de braços cruzados vendo a Portela passar. Agora com *Madureira sobe o Pelô... Tem capoeira/Na batida do tambor... Samba ioiô/Rola o toque de Olodum... Lá na Ribeira/A Bahia me chamou* (de 2012), a Portela arreventou. Não vencemos o campeonato porque tivemos outros problemas”, destaca o bamba.

Sem mistura! – A Velha Guarda da Portela é tratada como a fortaleza da tradição do samba na quadra da escola. Apesar da miscigenação peculiar ao gênero, que surgiu na época colonial com os escravos e

Velha Guarda

Fonte de inspiração para livros, filme e um disco de Marisa Monte, hoje o grupo tem dez componentes que participam dos shows. O objetivo da Velha Guarda da Portela é dar continuidade à proposta inicial de “não deixar morrer os sambas desprezíveis, sem intenção comercial, feitos pelos sambistas de antigamente”, defende Serginho, o caçula do grupo e presidente da Portela. O pesquisador Luiz Simas reforça essa consideração e garante que as velhas guardas são os depositários da memória musical das escolas de samba.

Monarco considera que se assume um verdadeiro compromisso ao vestir o fardão azul e branco, utilizado no palco dos shows da Velha Guarda da Portela. “Como o samba foi muito malvisto e os cantores sofreram muito preconceito, o Paulinho sempre dizia que devíamos nos vestir bem, com elegância. Assim, quando escolhemos alguém para ingressar na escola, dizemos que não adianta somente ganhar um samba-enredo, é preciso disciplina. Um jornalista que já se foi, Juarez Barroso, dizia: “Tem que estar vigilante contra os perigosos desvios” porque há Velha Guarda cantando Bossa Nova. Não tenho nada contra a Bossa, mas cantamos aquilo que tem a ver com as nossas raízes, nada de agrotóxico no samba”, finaliza o cantor de 81 anos.

se incorporou à cultura brasileira, construída a partir de influências portuguesas, indígenas e africanas, há uma tentativa de manter um elo com o passado da Portela.

Para o pesquisador Luiz Antônio Simas, o samba de raiz normalmente tem como estrutura uma forma que se desenvolveu no Rio de Janeiro na virada da década de 1920 para a década de 1930 no Bairro do Estácio de Sá. “É um ritmo que se caracteriza pela temática lírica, a partir da expressão dos sentimentos do sambista, pela cadência sincopada e pelo uso de instrumentos mais tradicionais, como o violão, o cavaquinho e a base rítmica afro-brasileira.”

Se a harmonia é feita pelo cavaquinho e o violão, o ritmo é dado pelo surdo e pelo pandeiro. Com o passar do tempo, outros instrumentos, como flauta, piano e saxofone,

foram incorporados, dando origem a novos estilos de samba. Porém, o samba de raiz da Portela não aceita a deturpação por outros gêneros.

Na visão do líder da Velha Guarda, outros ritmos ficam fora das quadras e dos shows do grupo. “Não temos nada contra ninguém, tanto que o samba-enredo deste ano canta o Rio de Janeiro e a Bossa Nova. Aliás, o pessoal da Bossa Nova não respeitava os sambistas, não. Eles não gravavam com a gente. A própria Nara Leão foi criticada na época. Hoje eu poderia ter dito que neste ano não queremos saber de Bossa Nova na Portela, não. Mas respondemos com elegância. Apesar disso, sem canja de outros ritmos na quadra. O samba puro, de raiz, ‘puro suco’, é a marca da Portela. Sem essa de barata da vizinha (referência ao pagode)”, ressalta.



FLAVIO DUTRA/JU

A muitas mãos

Alunos puderam aprimorar sua formação acadêmica atuando na organização da mostra

Artes visuais Estudantes organizam acervo e exposição da Pinacoteca para comemorar os 80 anos da UFRGS

Everton Cardoso

Quem visita a exposição em cartaz no Salão de Festas do prédio da reitoria talvez não se dê conta do trabalho que está por trás do que, ali, é o resultado de um processo bastante complexo. Incluindo um conjunto de 70 obras do acervo da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo e com curadoria dos professores Paulo Gomes e Blanca Brites, a mostra realizada pelo Departamento de Difusão Cultural (DDC) da Pró-reitoria de Extensão traz um percurso histórico da produção de professores e alunos do Instituto de Artes da UFRGS e foi, ainda, uma oportunidade pedagógica para estudantes de diversas áreas.

Execução – A experiência acumulada pelo aluno de sexto semestre do Bacharelado em História da Arte Guilherme Bragança durante os doze meses em que trabalhou no projeto da exposição foram, para ele, determinantes. Bolsista do DDC, ele foi responsável por todo o processo de produção executiva do evento. “Entrei no Departamento em setembro de 2013, e logo em outubro já tive a primeira reunião sobre a

proposta”, relata. Como acumulava a experiência de ter participado da organização da mostra de Luiz Gonzaga Mello Gomes para o projeto Percurso do Artista – ocorrida na Sala Fahrion da reitoria entre maio e outubro do ano passado –, imediatamente se envolveu com o evento que integrava as comemorações das oito décadas de surgimento da Universidade. “Fui fazendo o meio de campo entre a curadoria e o DCC. Também produzi as fichas das obras, vi as condições delas. Enfim, acompanhei todo o processo.” O estudante teve de cuidar da limpeza da sala, do bom funcionamento do sistema de ar-condicionado, da colocação das peças e de suas etiquetas correspondentes nos lugares certos, além de uma série de outros detalhes para que a exibição estivesse impecável na noite de sua abertura, em 25 de novembro passado.

Entre as situações com as quais Guilherme se deparou durante o trabalho, estiveram muitas daquelas típicas das atividades do setor público: vários serviços, por exemplo, passaram pelo que se chama inexigibilidade de licitação. “É um processo bem rígido, voltado principalmente para essa área mais autoral”, explica o futuro bacharel em História da Arte. Por exemplo, dentre os prestadores de serviço contratados desse modo, o estudante cita o que teve por resultado a expografia. “Ainda que tenhamos realizado uma pesquisa para ver quem fazia esse tipo de serviço, a escolha mesmo foi a partir dos critérios dos curadores”, relata sobre o trabalho para que o H Estúdio, encabeçado pelo arquiteto Felipe Helfer, desenvolvesse a tarefa. “É preciso justificar por que aquele valor está sendo cobrado. Por isso,

tiveram que provar notoriedade de saber, além de destaque na produção de projetos e módulos expográficos”, conta. Assim foi que o bolsista recolheu currículos, cartas de apresentação, clipping de imprensa e tudo mais que pudesse acrescentar a essa justificativa. Seguindo os mesmos trâmites, foram escolhidos o estúdio que fez o design do catálogo da exposição e a empresa que restaurou algumas das obras expostas.

Responsabilidade – Ao avaliar a experiência por que passou, Guilherme é categórico: “Foi sensorial, não imaginava ter esse

nível de responsabilidade antes de me formar. Foi uma possibilidade de trabalhar junto com meus professores, dentro da universidade. Pude ‘mostrar serviço’ a eles”. Entre os aspectos positivos da experiência, refere a liberdade que teve por parte da diretora do DDC, Claudia Boettcher, para que pudesse organizar as coisas – e foram muitas, faz questão de destacar. “O mais difícil era ter noção de sincronicidade dos serviços, um cronograma de trabalho. No final, as atividades começaram a se embolar”, diverte-se. Engana-se, porém, quem acredita que o trabalho do jovem está encerrado: a abertura da exposição

foi apenas o começo. Agora, para atividades paralelas – como palestras –, monta um projeto pedagógico que formará mediadores, programa visitas de escolas, além de organizar o lançamento do segundo módulo da mostra, que tomará a Sala Fahrion a partir de março. “É o processo de transformar essa exposição em um evento que seja importante não só para a UFRGS, mas para a cidade. Fazer com que tenha significado maior que apenas estar exposta”, projeta. E para dimensionar o quanto está gostando da experiência, resume: “Quero muito trabalhar com isso depois de formado”.

Conhecimento na prática

Cerca de 1.400 obras de arte divididas entre coleções de pintura, escultura, desenho, fotografia, gravura e produção didática: assim é possível dimensionar o acervo artístico total da Universidade. Mas, para que se pudesse chegar aos 70 trabalhos que ora compõem a mostra *Presença da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo nos 80 anos da UFRGS* e para que, nos próximos meses, se possa ter acesso a um catálogo completo da coleção, foi preciso que estudantes e professores dedicassem tempo e energia. O aluno de oitavo semestre de Museologia Marcelo Stoduto Lima esteve envolvido no projeto desde janeiro do ano passado. Os primeiros seis meses foram de trabalho dentro da Pinacoteca do Instituto de Artes: foi necessário separar o que, a partir de então, iria para o arquivo do IA das obras que permaneceriam na coleção de arte propriamente dita. “O desafio maior foi a documentação. É preciso estar sempre refazendo e adaptando, indo e voltando ao mesmo ponto. Como o acervo está se movimentando continuamente, temos de registrar onde as obras foram expostas, de que prêmios participaram e em que catálogos apareceram”, explana sobre um processo que é a aplicação prática da teoria que tem aprendido em seu curso de graduação. “É uma das primeiras vezes que o acervo ganha tanta visibilidade. Essa difusão não é só externa, foi importante também para os alunos da Universidade”, avalia.

Também Marcelo Chardosim e Tais de Souza Pahissa – estudantes de licenciatura e bacharelado em Artes Visuais, respectivamente – estão envolvidos com o projeto desde

setembro do ano passado. Marcelo foi responsável por separar obras para que fossem fotografadas e medidas; assim, coletava imagens e dados que, depois, irão compor o catálogo completo da coleção da Pinacoteca. Era, segundo ele, um trabalho bastante técnico, mas que tem muito a ver com o tipo de experiência que já tivera em seu estágio de dois anos no Museu de Arte Contemporânea do RS. Já Tais teve por tarefa organizar as legendas para as obras e, depois, passou a organizar trabalhos que estavam armazenados em gavetas. Como era preciso trocar os papéis que protegiam desenhos e gravuras, pode ter contato com cada um, o que considera a parte mais interessante de seu trabalho.

Para o docente do Departamento de Artes Visuais e coordenador do Acervo Artístico do IA, Paulo Gomes, a experiência foi muito positiva. “Os estudantes foram fundamentais na preparação do material. Não é uma exposição volumosa, e não tínhamos problema de certificação de obras, então foi um trabalho bastante tranquilo”, pondera. Ele destaca que, como os graduandos puderam acompanhar a seleção, identificação e preparação das peças para o transporte, além da montagem no Salão de Festas, esta foi uma atividade bastante proveitosa no que tange à formação acadêmica desses alunos. O trabalho, porém, ainda não está encerrado. Eles agora preparam o catálogo geral do acervo artístico da Universidade. Com lançamento previsto para o primeiro semestre deste ano, será composto por 700 páginas divididas em dois volumes.

Meu Lugar na UFRGS

De casa nova no litoral

Aberto para atividades acadêmicas desde setembro de 2014, o Câmpus Litoral Norte da UFRGS começa a adquirir vida, tornando-se um espaço para muita gente chamar de seu. Para Arão Moraes, o lugar significa, principalmente, o coroamento de 32 anos de dedicação à Universidade.

Antes de receber a nomeação para diretor-administrativo da nova unidade, ele teve a experiência de passar por diversos setores. Em dezembro de 1982, ingressou como servidor no Departamento de Ciências Morfológicas, onde atuou por impressionantes 23 anos. A primeira grande transição de sua carreira ocorreu em 2008 quando foi transferido para a Administração Central da Universidade, trabalhando nas pró-reitorias de Graduação (PROGRAD) e de Gestão de Pessoas (PROGESP). Tais experiências ampliaram sua visão sobre a dimensão da UFRGS: “Essas vivências me deram o conhecimento e a maturidade necessários para aceitar o convite de atuar no litoral”, reflete.

A localização da nova estrutura representou a mudança mais radical para Arão. Natural de Viamão, o servidor morou em sua cidade natal até a ida para o novo Câmpus, situado em Tramandaí. Desde novembro de 2013, ele reside em Cidreira, na antiga casa de veraneio da família, que, após 20 anos sendo utilizada quase exclusivamente no período de férias, foi reformada para se tornar sua moradia. A residência de Viamão ainda é mantida como sua “base familiar”, onde nos finais de semana reencontra a esposa Cirilaine, que trabalha na cidade de Montenegro e com quem é casado há duas décadas.

Arão chegou a instalar-se em um escritório improvisado na Colônia de Férias da Universidade, no centro de Tramandaí, antes de transferir suas atividades para o local do novo Câmpus. O espaço, localizado às margens da RS 030, quase na divisa com o município de Osório, era conhecido por abrigar a antiga Escola Agrícola da cidade.

A estrutura já existente foi reformada e agora o terreno de 15 hectares contém oito prédios brancos de um andar e visual austero que, próximos uns dos outros, recebem 120 alunos, 51 técnicos-administrativos e 18 docentes. Em uma das duas construções mais próximas da rodovia fica a nova sala de Arão, que celebra a maior proximidade com os graduandos possibilitada pela menor dimensão do Câmpus: “Diferentemente dos outros departamentos da UFRGS, onde os servidores ficam em prédios separados, aqui convivemos bastante com os alunos nos corredores”.

Mesmo com todos os compromissos que nesta fase inicial o obrigam a ir frequentemente a Porto Alegre, o diretor-administrativo conseguiu consolidar uma rotina no litoral. Costuma chegar ao Câmpus às oito da manhã, após percorrer 30 minutos de carro desde sua casa em Cidreira; almoça em restaurantes próximos e permanece até o final do expediente, às 18h30. Frequenta diariamente a academia e mantém o hábito de jogar futebol com os servidores da Colônia de Férias nas noites de quarta-feira. Essa aquisição de rotina foi uma de suas primeiras preocupações ao instalar-se no balneário: “Procurei conhecer bem a cidade e me inserir na comunidade. Considero isso importante também pelo meu papel no Câmpus, que tem entre seus objetivos a integração com a região”. Já confortável com a realidade local – e após ter a experiência de passar um inverno na cidade, quando o ritmo se reduz drasticamente – Arão se mostra entusiasmado com seu desafio administrativo: “É o grande momento da minha carreira. É o trabalho com maior abrangência que já desempenhei e estou muito motivado por participar da implantação de uma estrutura nova na Universidade”.

João Pedro Teixeira

Esta coluna é uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas serão exibidos no Canal 15 da NET diariamente às 20h e às 23h.



Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para jornal@ufrgs.br e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local

Perfil

Pioneiro empreendedor

Tom Price

O mais recente professor emérito da UFRGS se destaca pela dedicação à informática

Ao ingressar no ano de 1966 no curso de Engenharia Civil da UFRGS, o hoje professor emérito Roberto Tom Price não poderia imaginar que um dia se tornaria umas das grandes referências em Engenharia de Software no país e que sua trajetória seria marcada pela dedicação à ciência e à academia.

Dono de um bom papo e de sorriso fácil, o professor Tom, como é conhecido dentro da Universidade, admite que na juventude não tinha pegado o gosto pela ciência: “Esse interesse foi construído depois. Eu era um aluno regular, medíocre até”. A opção pela Engenharia se deu por influência do avô materno, que veio de Viena para o Brasil em um momento de inquietação social no então Império Austro-húngaro. “Ele imigrou um pouco antes da 1ª Guerra Mundial, junto com a mulher e a filha, minha mãe”, conta. O avô rodou todo o país como engenheiro de plantão de obras, trabalhando para uma firma dinamarquesa que enviava os projetos prontos para que ele os executasse. A ascendência europeia se dá também pelo lado paterno: de origem britânica, seu pai foi a primeira geração da família em solo brasileiro ao instalar-se em Santa Cruz do Sul como funcionário da *British American Tobacco* com a missão de disseminar o cultivo do tabaco no interior, ensinando os colonos a cultivarem a folha.

Criação multilíngue – Após o nascimento de Tom, na Porto Alegre de 1947, seus pais o levaram para morar na Inglaterra. Ele viveu em terras britânicas até os três anos, quando sua mãe voltou para cuidar dos avós, que estavam doentes, e o trouxe consigo. Seu pai não chegou a retornar ao Brasil, falecendo no Reino Unido (Grã-Bretanha).

A mãe, que era professora e uma figura autoritária, lhe deu uma criação bilíngue: “Ela me ensinou alemão e inglês. Eu tinha de ler e escrever nas duas línguas”. Com o idioma germânico como língua materna, Tom aprendeu português apenas aos sete anos, quando ingressou no atual Colégio Farroupilha, onde sua mãe era alfabetizadora. O Colégio se tornou uma tradição familiar: os três filhos de Tom passaram por lá e atualmente seus netos são alunos da escola.

No ensino médio, Tom frequentou o Júlio de Castilhos, por opção de sua mãe, que acreditava que este oferecia um melhor preparo para o



FOTOS: FLAVIO DUTRA/JU

vestibular: “A ida para o *Julinho* foi um choque cultural muito grande. Saí do ambiente dos ‘mauricinhos e patricinhas’ e fui cair no meio do povão. Isso foi muito bom para mim, abriu meus horizontes”, recorda o professor.

Amor à ciência – O despertar científico é creditado à esposa Ana, que Tom conheceu quando esta ingressou na graduação em Engenharia Química: “Quando vi que entrou aquela ‘coisinha lindinha’ como bixo na engenharia fui me pavonear na volta”, conta aos risos, confessando: “Ela era muito estudiosa. Foi a ‘crentona’ que me transformou, que me fez acordar para a ciência”.

No início da faculdade, chegou a trabalhar na construção civil – como medidor de obras –, mas optou por ser estudante em tempo integral, o que o levou a cursos pioneiros de ciência da computação: “Começaram a surgir cursos na Universidade que ensinavam programação, fluxograma, etc. Eu e a Ana resolvemos aproveitar a oportunidade, pois percebemos que a informática seria o negócio do futuro e teria um grande impacto na sociedade”. Ambos fizeram diversos cursos e trabalharam na iniciativa privada com programação de computadores e processamento de dados até a formatura de Ana, em 1972, quando os dois foram para a PUC-RIO cursar mestrado na área. Logo, Tom ganhou uma bolsa para um mestrado em sistemas de informação na

London School of Economics. “Ao terminar, escrevi ao coordenador do Programa de Pós-graduação que estava sendo estruturado na UFRGS, dizendo: ‘Olha, tem aqui dois mestres prontos para voltar a Porto Alegre’”, relembra o docente.

Na época, a pós-graduação em Ciência da Computação da UFRGS não era vinculada a nenhuma unidade acadêmica, mas, sim, “pendurada no nada”, nas palavras do professor. Em 1988, após voltar do doutorado na Universidade de Sussex, na Inglaterra, Tom tornou-se diretor do Centro de Processamento de Dados (CPD) da Universidade com o objetivo de criar o Instituto de Informática. A missão foi cumprida e, em 2014, o Instituto, do qual foi diretor por quatro anos, completou um quarto de século.

Reconstruindo o passado – Aposentado desde 2000, hoje divide seu tempo entre seus investimentos privados – “Eu sempre fui meio empreendedor” –, os jogos de golfe no Country Club – “Jogo muito mal. A ideia é aproveitar o lugar, a caminhada, os pássaros” e a companhia da mulher, dos filhos e netos. Ana, também aposentada, se dedica a trabalhos artesanais, especialmente com vidro. O professor tem ainda como grande ambição a reconstrução da casa em que cresceu, erguida pelo avô, da qual ainda conserva parte da estrutura.

João Pedro Teixeira, estudante do 5.º semestre de Jornalismo da Fabico



O russo tropical

As imagens desta página são pinturas feitas a partir do universo pessoal de Philipp Anaskin. Os assuntos, segundo o autor, partem de algumas cenas concretas – fotografias – e de muitas recordações. Memórias de deslocamento e de adaptação. A conexão é fácil – sua família, com ele ainda pequeno, emigrou da disruptiva União Soviética no final dos anos 80, na época da Perestroika de Mikhail Gorbachev. Imaginavam ir para o frio Canadá, mas acabaram por estruturar a vida na tropical Costa Rica, o que Philipp avalia como a apropriação de uma espécie de dupla procedência, quase uma dupla identidade. Ou, ainda, como uma insondável dúvida entre perdas e ganhos. Esse movimento também o conduziu a trabalhar com a concepção de “não lugar” ou “da memória como um lugar paralelo, inventado. Do viver em uma espécie de bolha”. Da lembrança soviética, e de um período de estudos que teve por lá, mantém certa afeição pelo realismo socialista. Daí a relação com a fotografia, ainda que dela diga gostar do erro e da ideia de rascunho. Já para pintar, imagina a pincelada como uma performance.

PHILIPP ANASKIN É ESTUDANTE DE ARTES E EDUCAÇÃO VISUAL NA UNIVERSIDADE NACIONAL DA COSTA RICA. VENCEDOR DO PRÊMIO VALOARTE 2014, TEVE COMO RECOMPENSA UMA VIAGEM DE ESTUDOS AO BRASIL. EM NOVEMBRO, PARTICIPOU DE AULAS E ATIVIDADES NO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS, ALÉM DE EXPOR SEU TRABALHO NA SALA JOÃO FAHRION.



DIA DE CHUVA E O ÔNIBUS LOTADO. O primeiro desafio é embarcar ao mesmo tempo em que se procura fechar a sombrinha. Não é sequer uma tentativa de evitar ficar molhada, porque isso é inevitável, o difícil mesmo é conseguir recolher o emaranhado de arames em que se transformam rapidamente essas mercadorias de camelô. Bom, depois que a porta fecha e o motorista arranca com toda a suavidade de quem conduz uma carreta, é hora de passar a catraca. Pelo menos tentar. Se em dia de sol essa tarefa já é quase impossível, quando chove vira milagre.

Seja em dia de chuva ou com sol, 54% da população de Porto Alegre utiliza o ônibus como principal meio de transporte. Desta, 40% o usa para se dirigir ao trabalho e 27%, à escola ou universidade. Nos horários de pico, esses índices parecem insuficientes, até porque não contabilizam as sacolas e mochilas que avolumam ainda mais os corredores, tornando-os muitas vezes intransponíveis. Enquanto isso, os 46 usuários que conseguiram um lugar para sentar abstraem-se totalmente do que se passa a sua volta.

Mas se é ruim com ônibus, pior sem eles. Desde as manifestações de junho de 2013, o cenário urbano de diferentes capitais brasileiras tem sido subtraído – total ou parcialmente – desse que é um de seus mais importantes elementos: os ônibus. Independentemente de ser a causa ou a consequência das mobilizações, quando esse transporte coletivo permanece nas garagens, a paisagem metropolitana se transforma. Paradas ficam cheias, as vias são invadidas por mais automóveis, transportes clandestinos aparecem do nada. Se, por um lado, o ruído diminui pela ausência dos barulhentos motores e do para e arranca, por outro, avoluma-se toda sorte de reclamações porque, se não há ônibus, a rotina da cidade se altera.

Entretanto, ainda que eles não circulem, alguns aspectos resistem no cotidiano do transporte mais coletivo do que qualquer outro. Durante os 15 dias de paralisação dos rodoviários, no início do ano passado em Porto Alegre, quando nem mesmo os grevistas sabiam quando voltariam ao trabalho, Mari, cobradora do carro 2222 da linha Cohab, que atende à zona sul da capital, telefonou mais de uma vez para os 30 passageiros que constam da agenda de seu celular pessoal para avisar que não haveria ônibus. Como são seus primeiros passageiros do dia, entre os horários das 5h30min e 7h, não queria deixá-los empenhados à sua espera: “Me ponho no lugar deles”, justifica-se.

Essa história verdadeira contrapõe-se à ficcional do início do texto, ainda que soe mais insólita pelo inusitado. Ambas dão o tom desta edição do CAJU, que aborda alguns aspectos que retratam a situação atual do sistema de ônibus de Porto Alegre. Quem anda de coletivo certamente tem uma (ou várias) *crônica(s) passageira(s)* para contar.

Coletivo de histórias

TEXTO JACIRA CABRAL DA SILVEIRA FOTOS FLÁVIO DUTRA



De um ponto

Vida alheia

GARANTO QUE NÃO SOU UMA PESSOA FUXIQUEIRA nem curiosa quando o assunto é a vida alheia. Existem situações, entretanto, que nos induzem a essa condição. Ainda ontem estava indo de ônibus até o centro, pensando em nada muito especial enquanto olhava pra rua. Como já passava das 8h, não havia ninguém de pé e tudo seguia na mais santa paz. Até que rasga o silêncio o toque insistente de um celular que começa a aumentar de volume. Embora de costas, percebo ser de uma mulher que vasculhava o fundo da bolsa à procura do aparelho. Até o final da conversa não descobri o nome dessa passageira, mas sei

que falava com Sheila, colega de trabalho.

Confesso que fiquei com pena da garota, tão nova e já com problemas com o patrão. Como é que alguém pode tratar assim uma pessoa como a Sheila? Amiga, dedicada. Não, não está certo. Tã bom que pedir pra sair mais cedo dias seguidos, numa semana de movimento na loja, e chegar queimada nos plantões é abusar da paciência de qualquer um. Mas não precisavam fazer aquilo com ela... Fazer o quê? Não sei, a mulher desceu do ônibus e levou consigo o segredo de Sheila. E eu fiquei ali, sentada, com um gostinho de fofoca mal resolvida.

Passageiros

De acordo com motoristas e cobradores de ônibus, há, grosso modo, dois tipos de passageiros: os habitués e os outros. Estes podem ser também os chamados usuários de integração, que vêm do primeiro coletivo e ficam esperando o Cohab para os levar ao seu destino. Geralmente são personagens de presença passageira na vida uns dos outros, como os protagonistas da história de Sheila, sem endereço ou consequência.

Não, nem tanto, existem consequências em algumas situações. Há cinco anos fazendo a linha 165-Cohab, o cobrador Cristiano até hoje não encontra explicação para um fenômeno que ocorre em sua linha quando chega à Avenida Icarai, no sentido zona sul/centro – perplexidade compartilhada com seus colegas. Conhecida por ser uma região com vasta oferta de linhas de ônibus, as paradas ficam cheias até o momento em que o Cohab aponta na curva da Avenida Campos Velho para entrar na Icarai. As pessoas aglomeram-se para entrar neste ‘objeto de desejo’ que, àquela altura do percurso, já está absolutamente lotado: “Eles

esperam pra pegar o nosso”, gesticula admirado. Certamente essa é uma das razões que fazem a linha 165 ser a que mais conduz passageiros da Viação Teresópolis Cavalhada, integrante do consórcio STS. As demais campeãs são as linhas 520-Triângulo/24 de outubro, do grupo Conorte, e a 346-São José, do Unibus. Mas nenhuma delas ultrapassa os 22 mil passageiros que cada uma das linhas T4 e T11, da companhia Carris, transporta diariamente.

Conforme dados da Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC) de Porto Alegre, de segunda a sexta-feira cerca de 1,1 milhão de pessoas trafega pela capital a bordo dos coletivos. Esse número cai drasticamente aos finais de semana, chegando a 290 mil passageiros aos domingos – isso porque a oferta de horários é substancialmente reduzida. A linha 270-Grutinha (STS), por exemplo, que durante a semana tem um intervalo de 12 em 12 minutos entre um ônibus e outro, aos domingos circula a cada hora. Por outro lado, há linhas que sequer oferecem horários aos finais de semana, como é o caso da 815-Saran-

di/Cairu (Conorte), que de segunda a sexta pode chegar a passar apenas de meia em meia hora. Ou seja, passeio com a família nem pensar.

Essas, no entanto, não são as principais reclamações que chegam à central de atendimento da EPTC pelo número de telefone 118. É como se aquelas pessoas solitárias nas paradas de ônibus já fizessem parte da paisagem dos bairros mais periféricos. Os problemas são outros: falha no cumprimento do horário; recusa do embarque de passageiros; dirigir com excesso de velocidade ou com imprudência; falta de urbanidade do cobrador.

“A EPTC age com essas informações, realizando trabalhos periódicos sobre os tempos de viagens das tabelas, fazendo redimensionamento a intervalos regulares, convocando as tripulações quando identificadas, orientando-as quanto aos procedimentos corretos e realizando a operação radar nas vias públicas e nos corredores exclusivos”, esclarece de forma atenciosa ao telefone o engenheiro Flávio Tomelero, gerente de planejamento de transporte da empresa pública.

Tripulação

J. Almeida é um homem alto, elegante e de expressão tranquila. Enquanto conversa com a equipe de reportagem, não deixa de acompanhar o embarque dos passageiros, interrompendo a entrevista para cumprimentar os conhecidos. São homens e mulheres arrumados para começar o dia.

São pouco mais de seis e meia da manhã e os ônibus seguem chegando e saindo de cinco em cinco minutos, e sempre encontram uma fila já formada com não menos de dez pessoas por vez. “Isso aqui já foi muito diferente”, comenta o motorista debruçado sobre o volante pouco antes de dar início a uma nova viagem ao centro da cidade, trajeto que, nos horários de pico, pode chegar a durar quase uma hora. Ao longo dos 18 anos em que trabalha na empresa, viu melhorar tanto o bairro – que leva o nome do conjunto habitacional onde fica o final da linha – assim como as condições dos veículos, hoje equipados com câmera de segurança e ar-condicionado.

Aparentando pouco menos de 50 anos de idade, o motorista da Cohab tem como parceira de viagem a cobradora Mari, com quem está casado há 20 anos. Eles chegam para trabalhar por volta das cinco horas da manhã na garagem da VTC. J. Almeida verifica os pneus, a gasolina, o óleo; Mari confere e retoca a faxina já realizada pelo pessoal da limpeza. “O ônibus é a nossa segunda casa”, diz ela, como se precisasse verbalizar. Certamente o carro de Mari e J. Almeida é exceção no quesito limpeza. Mesmo próximo a um novo acesso de chão batido, que permite aos moradores da Vila Nova usarem a linha, não há sequer um papel jogado no piso.

Mari é uma mulher de altura mediana, cerca de 1 metro e 60, não usa

maquiagem e tem os cabelos presos. O uniforme deixa o sorriso ainda mais formal. Durante a viagem, conversa com Rosane, uma das passageiras que está sentada próximo à roleta. “A gente se conhece faz tempo, né Mari?”, diz ela, fazendo questão de deixar clara sua intimidade com a tripulação. Rosane foi uma das pessoas para quem a cobradora telefonou diariamente para avisar se haveria ou não condução durante a greve dos rodoviários do início de 2014.

Em contrapartida, quando é ela que precisa de ajuda, tanto Rosane quanto os demais habitués estão prontos a auxiliar. No dia da entrevista, ao final da viagem que chegou ao centro próximo das 7h, na parada defronte à Faculdade de Direito da UFRGS, uma passageira sentada antes da roleta pede para descer pela frente, pois acreditava ter esquecido o cartão TRI em casa. Depois disso, a sequência dos fatos quebra o clima de tranquilidade experimentado até então.

De uma hora para outra, encolerizada, a mulher, que anunciara estar com três meses de gravidez, salta a roleta depois de tentar agredir Mari e Rosane com a mochila que trazia ao ombro. Nesse momento, outra passageira entra na história. Calmamente segura o braço da jovem e a acompanha até a calçada. Após conversar por alguns minutos com ela, bem próximo e em voz baixa, a mulher, aparentando mais serenidade, segue em direção à Santa Casa, do outro lado da Avenida Salgado Filho. Ao retornar ao ônibus, a apaziguadora informa a Mari seu nome e número de telefone: “É que têm as câmeras, tudo fica registrado”, e é necessário comprovação, o que implica arregimentar testemunhas perante a empresa para se precaver contra possíveis consequências.



a outro

A reportagem acompanhou o trajeto da linha 165-Cohab, desde o embarque dos usuários na primeira parada do conjunto habitacional até a chegada ao fim da linha no centro da capital, conversando com personagens, como a passageira Rosane, e o casal formado pelo motorista J. Almeida e a cobradora Mari

Inércia

JÁ FAZ TEMPO, OUVI UMA PIADA de bêbado que me deixou pensando se o valor da passagem de ônibus deve ser o mesmo pra todos. Imaginem a cena: o coletivo arranca, e o cidadão na roleta revira os bolsos à procura de moedas. Paga a passagem, resmunga algo e libera o caminho com a ajuda da inércia. Esclarecendo: inércia é uma propriedade da matéria que, no caso, é o corpo do bêbado. De acordo com esse princípio da Física, todo corpo permanece em seu estado de repouso ou de movimento, a não ser que seja levado a mudar esse estado. Ou seja, quando o ônibus arranca, os passageiros tendem a ir para trás, permanecendo em repouso. Da mesma forma, quando ele freia, as pessoas deslocam-se para frente e continuam na velocidade em que vinha o veículo.

É depois de idas e vindas como essas, para frente e para trás, numa caminhada interminável pelo corredor do ônibus, que o bêbado grita pro motorista lá do fundo, já perto da porta: “Paguei passagem e vim a pé, p*#¥\$≈”.

Concordo. Acho até que devia haver mais de um tipo de TRI: um pra quem viaja sentado, outro pra quem viaja em pé e o TRI Inércia, pros bêbados ou vítimas de motoristas pé de chumbo que param e arrancam só no solavanco.

Pé de chumbo

Dona Zilá tem 64 anos e há 42 trabalha de babá. De segunda a sexta-feira ela embarca no T8, da empresa Carris, e vai do bairro Agronomia até à Avenida Protásio Alves, no bairro Três Figueiras, onde fica a casa de Leonardo e de Arthur, meninos que acompanha nas atividades extraescolares ou para levá-los às consultas médicas: “Hoje já não faço comida nem cuidado da casa, só acompanho as crianças”, as demais tarefas são desempenhadas por outros profissionais que também trabalham para a família.

Nas férias, Dona Zilá aproveita para viajar com o marido. Num dos passeios que fez a Camboriú, em Santa Catarina, achou muito bonita a atitude de um motorista que, além de parar o ônibus para dar passagem a uma senhora que levava dois filhos pequenos, desceu do veículo e ajudou os três a atravessarem a rua. “Lá eles esperam a gente sentar para arrancar. Aqui, se tu não te cuidar, cai no chão. A gente mal entra e o motorista já arranca. É um perigo”, reclama, citando como exemplo as linhas T1

e T2: “São terríveis, porque é muito longo o trajeto e, se a gente não se segura, cai mesmo”.

Por outro lado, a simpática senhora reconhece que “o povo briga muito, anda nervoso, e tem pessoa que já sai mal-humorada de casa”. Paulo, motorista há 14 anos, concorda com a babá, por isso assegura que é necessária muita paciência para cumprir 44 horas semanais de trabalho, especialmente para ele que atua numa das linhas de ônibus mais concorridas da capital. Atualmente, estressado com a rotina, ele faz o horário chamado corujão, que termina por volta da meia-noite. Paulo não vê a hora de se aposentar daqui a dois anos. “Trabalhar com público é difícil”, comenta com olhar cansado. Esgotamento que se reflete na hora de ir ao supermercado com a esposa, ficando do lado de fora: “Não consigo ficar no meio da multidão”, preserva-se.

Segundo a coordenadora da Unidade de Atendimento Psicossocial da Carris, Liziane Marques, são realizados de cinco a seis atendimentos diários

entre motoristas e cobradores. Os motivos vão desde agressões verbais e físicas de passageiros, passando por acidentes, assaltos e chegando aos conflitos do trânsito. Conforme a condição do profissional, ele pode ser afastado por alguns dias, trocado de linha ou mesmo levado a atendimento médico. Atualmente, a Carris tem 715 motoristas que recebem um salário base de R\$ 2.008,10 e cumprem jornada diária de sete horas e dez minutos, com direito a uma folga semanal.

Liziane conta que, no início de 2014, houve dois casos que ilustram o quanto esse trabalho pode ser estressante. Um deles ocorreu em 14 de março, quando um motorista da linha T5 abandonou o veículo após discutir com uma passageira que estava muito irritada pela demora do ônibus. O segundo episódio aconteceu quatro dias depois, com um carro da linha T7, quando o condutor também desembarcou do coletivo após discussão com usuários que reclamavam do atraso e da superlotação do veículo.

Vias saturadas

Em novembro de 2014, a General Motors alugou um espaço no autódromo do Velopark, em Nova Santa Rita, na Região Metropolitana de Porto Alegre. A intenção da montadora era encontrar um lugar onde pudesse depositar os cerca de quatro mil veículos 0 km que ainda não haviam sido vendidos. Para o engenheiro João Fortini Albano, esse excedente de produção reflete um movimento de mercado iniciado com a relativa estabilidade econômica vivida a partir de 2008.

Conforme o professor do Departamento de Engenharia de Produção e Transportes da UFRGS, uma das medidas adotadas pelo Brasil para combater a recessão foi reduzir os impostos para veículos automotores, buscando manter os empregos especialmente junto às montadoras. Com o incremento das vendas, as empresas

do setor se expandiram, chegando a um inchaço que tem represado os veículos nos pátios das montadoras.

Mas não é apenas no pátio da indústria automobilística que se aglomeram os automóveis. “O número de carros tem aumentado nos últimos anos”, foi o comentário da maioria dos entrevistados, sejam profissionais ou usuários dos transportes coletivos. E a cidade estava preparada para essa invasão de veículos particulares? Não, responde Albano, uma das referências nacionais em assuntos relacionados a trânsito e mobilidade urbana. De acordo com o especialista, há uma saturação do sistema viário: “Estamos vivendo o para e anda que acarreta três grandes prejuízos: perda de tempo dos usuários, poluição e maior gasto energético, porque, mesmo parado em função dos congestionamentos, o

carro está consumindo combustível”.

Com base em seus estudos, Albano afirma que diminuiu o uso do ônibus, tanto pela expansão do uso do automóvel em decorrência do aumento do poder aquisitivo das pessoas como pela inserção das motos no trânsito, especialmente a partir de 2010.

Entretanto, o crescimento da produção de veículos e o favorecimento do transporte individual em detrimento do público beneficiam uma minoria, gerando a deterioração da qualidade de vida de quem não tem carro. “Quem mais sofre são as camadas desfavorecidas da sociedade, submetidas aos meios de locomoção precários pelos quais devem pagar uma parcela cada vez maior dos seus ganhos”, identifica o doutor em Serviço Social pela USP Carlos Cardoso. Segundo ele, um sistema de transporte

coletivo planejado aperfeiçoa o uso dos recursos públicos, permitindo investimentos em setores de maior relevância social e uma ocupação mais racional do solo urbano, pois exerce papel de fixador do homem no espaço metropolitano, podendo influenciar na localização das pessoas, serviços, edificações, rede de infraestrutura e atividades desenvolvidas na cidade.

Nesse sentido, Albano destaca o papel de uma análise aprofundada das condições atuais do sistema de transporte e a definição da posição relativa das cidades em comparação a outras de mesmo porte, para assim descobrir os pontos fracos da situação atual de cada uma. “Identificados os problemas que afetam o setor de transportes, a análise deve ser estendida a outras áreas da vida urbana, como a saúde pública, criminalidade, etc.”.



Há 15 anos, o bem-humorado Beleza sai de casa diariamente para vender bilhetes da Quina dentro dos ônibus da capital, atividade que lhe permite sustentar sua família

Constatação

JÁ REPAROU QUE PASSAMOS cerca de 40 horas dentro de um ônibus por semana? Isso se considerarmos apenas o deslocamento para ir ao trabalho, o que dá mais ou menos uma hora pra ir e outra pra voltar, calculando com o tempo na fila. Isso me faz lembrar a época que vivi em Florianópolis. O coletivo naquela cidade era tão caótico que costumava dizer que morei nove anos em Floripa, sendo que, destes, sete passei dentro dos ônibus ou esperando por eles.

Sério. Mas em Porto Alegre não é muito diferente, principalmente pra quem mora ou trabalha na Região Metropolitana. Se formos pôr na ponta do lápis, perceberemos a importância desse verdadeiro fenômeno social no cotidiano do povo brasileiro, e por que não dizer na formação de

seu caráter. Estou até pensando em encaminhar uma sugestão aos poderes públicos: de agora em diante passa a ser obrigatório que cada senador, deputado, etc. utilize ônibus pelo menos uma vez na semana. Talvez assim aprendam como vive e pensa o povo que dizem representar.

Mas, para levar a ideia adiante, vai ser necessário fazer antes uma consulta popular. Sabe como é, o pessoal tem medo de ladrão dentro dos ônibus, e se colocar muito político junto aumenta o risco de baterem a carteira da gente. Ou talvez queiram carregar parente de graça, e aí que não sobra lugar pra mais ninguém. Por outro lado, acho até uma heresia político dentro de ônibus. Afinal de contas, é lugar de gente que trabalha e tem compromisso.

Vilmar e seus colegas trabalham vendendo bilhetes de loteria nos coletivos que fazem o trajeto da Avenida Cavallhada, na zona sul, até a Borges de Medeiros, no centro da cidade. A escolha se deve à constatação de que é nessa região que os passageiros compram mais

Beleza

Em abril, Vilmar vai completar 15 anos trabalhando dentro dos ônibus de Porto Alegre, mais especificamente naqueles que fazem o trajeto da Avenida Cavallhada, na zona sul, até a Borges de Medeiros, no centro da cidade. Tanto ele quanto seus colegas de ofício constataram que essa é a região em que as pessoas são mais generosas, ou seja, compram mais. É que Vilmar vende bilhetes da Quina, embarcando e desembarcando de um veículo a outro, indo e voltando do centro. “São cartões mais baratos, só dois reais, assim tem mais possibilidade de sonho”, argumenta sorrindo.

Ou seja, se boa parte dos usuários de transporte coletivo passa em média 40 horas semanais dentro de um ônibus, esse número é multiplicado enormemente no caso de Beleza, apelido que adotou a partir de uma de suas primeiras viagens como vendedor. Depois de ter conversado com os passageiros e vendido seus bilhetes, ao descer ouviu do motorista: “Beleeeza”, elogiando o comportamento do jovem ao abordar as pessoas no interior do ônibus. E o apelido pegou. Seja quem for: motorista, cobrador, velho, criança, estudante, moça com filho no colo, homem de terno ou de calça jeans, todo mundo é despertado do isolamento quando ouve “Beleeeza”. É hora de comprar bilhete, parecem pensar, ainda que não o façam.

Cabelos claros, olhos azuis e um inesgotável bom humor

acompanham o vendedor, assim como a bengala que o ajuda no deslocamento por causa de sua baixa visão. Aspecto, no entanto, que não o impede de perceber o sorriso dos passageiros quando escutam sua conversa animada, cheia de palavras de otimismo e gratidão pela vida. “Essa é a Quina da Loto, é a chance de mudar a sua vida. Beleeeza!”, repete ao concluir sua propaganda. Acreditando ou não, as pessoas vão esticando os braços e chamando por ele: “Mais uma aqui”. E assim Vilmar vai vendendo sonhos. Ele conta que, certa vez, um senhor o chamou para agradecer ter recuperado o ânimo após tê-lo escutado. Em outra ocasião, um casal gastou quase todo o pequeno prêmio que ganhara com um bilhete vendido por ele, colocando gasolina num fusca: “Eles estavam à minha procura pra me dar uma gorjeta”, relata satisfeito. “E teve ainda uma moça da Restinga que ganhou dez mil com um bilhete que vendi pra ela.”

Por essas e muitas outras histórias, Beleza sempre canta a mesma música quando desce dos ônibus: “Não adianta nem tentar me esquecer, durante muito tempo em sua vida eu vou viver”, sorri, e acrescenta: “Adoro o rei”. No carnaval, tira uma semana de férias porque a cidade fica muito vazia, abalando as vendas. No restante do tempo, sustenta a família vendendo seus bilhetes de um ponto a outro nos ônibus da capital.